



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

WILSON DE LIMA BRITO FILHO

**A UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E A HISTÓRIA DO
LAZER NA CIDADE DA BAHIA: rotas, rotinas e rupturas no
século XX – 1945-1955**

Salvador
2015

WILSON DE LIMA BRITO FILHO

**A UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E A HISTÓRIA DO
LAZER NA CIDADE DA BAHIA: rotas, rotinas e rupturas no
século XX – 1945-1955**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para qualificação ao título de Mestre em Educação.

Orientador: Dr. Coriolano P. da Rocha Junior

Salvador
2015

B862 Brito Filho, Wilson de Lima.

A Universidade Federal da Bahia e a história do lazer na cidade da Bahia:
rotas, rotinas e rupturas no século XX – 1945-1955 / Wilson de Lima Brito Filho. – 2015.
91f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Coriolano P. da Rocha Junior.
Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia.

1. Lazer e Educação. 2. Universidade. 3. História. 4. Universidade Federal da Bahia. I. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. II. Título.

CDU - 379.8.093

FOLHA DE APROVAÇÃO

WILSON DE LIMA BRITO FILHO

**A UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E A HISTÓRIA DO LAZER NA CIDADE
DA BAHIA: rotas, rotinas e rupturas no século XX – 1945-1955**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação, Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 10 de julho de 2015.

Coriolano Pereira da Rocha Junior - Orientador _____
Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Universidade Federal da Bahia.

Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior _____
Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais.
Universidade Federal de Juiz de Fora.

Romilson Augusto dos Santos _____
Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia.
Universidade Federal da Bahia.

AGRADECIMENTOS

Muitos fazem parte dessas rotas, rotinas e rupturas que acumulo nessa minha caminhada de vida, mas certamente muitos e todos (as) especiais....

Ao Grande Arquiteto do Universo, criador e responsável pela nossa existência nesse mundo.

A meu amado pai, Wilson de Lima Brito (*In memoriam*) e minha amada voíinha, Dulce Machado de Moraes (*In memoriam*), que me ensinaram e ainda hoje me ensinam que viver exige de nós compromisso, atenção e, sobretudo certeza de errar e corrigir.

A minha amada mãe, Dulcinéa Machado de Moraes, exemplo de dedicação e de proteção, que me conduz, ainda hoje para reflexões e dengos necessários.

A meu filho, Wilson Rios de Brito, o homem que modificou a minha vida, meu grande amor, que mesmo sem saber é o principal responsável pelas minhas labutas diárias.

A minha esposa, Manoela Macedo Rios, que me apoiou durante um dos momentos mais difíceis da minha vida e assume hoje o lugar de companheira.

A meu amigo irmão, Romilson Augusto dos Santos, exemplo de pessoa e profissional.

A meu orientador, Coriolano Pereira da Rocha Junior, que de forma extremamente profissional, dedicada e atenciosa, acreditou nas minhas potencialidades e fez interferências necessárias perante minhas fragilidades, meu muito obrigado.

A todos os amigos, colegas, alunos que sempre contribuíram para o meu crescimento como profissional, homem, pessoa e ser humano.

RESUMO

BRITO FILHO, Wilson de Lima. **A UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E A HISTÓRIA DO LAZER NA CIDADE DA BAHIA:** rotas, rotinas e rupturas no século XX – 1945-1955. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

O presente trabalho de pesquisa faz parte do Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGE), da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na linha temática Educação, Cultura Corporal e Lazer, situando o seu objeto na investigação de questões relativas ao Lazer, Cidade, História e Educação, discutindo a pluralidade e diversidade do tema, a partir do estudo destas práticas no estado da Bahia, mais diretamente em Salvador. A pesquisa se estabelece com fundamento no seguinte questionamento: Quais as relações entre a construção da Universidade Federal da Bahia e o desenvolvimento e a fruição das vivências e ações no lazer soteropolitanos, no período entre 1945 e 1955? A partir deste problema, apontamos como hipótese, a noção de que a UFBA, a partir de suas ações, especificamente as do campo da cultura, influenciou e ao mesmo tempo, recebeu influência dos modos de lazer da cidade do Salvador, entre os anos de 45 e 55. Partindo desses elementos, nossa proposta de estudo objetivou investigar o processo histórico de constituição do lazer, em Salvador, entre os anos de 45 e 55 do século XX, especificamente a partir da formação da Universidade Federal da Bahia. Pretendemos também perceber como a repercussão dessa instituição, através das suas ações, se relacionou com a organização do fenômeno lazer na cidade, levando em consideração as diversas rotas, rotinas e rupturas que o fenômeno possivelmente teve nesse período, em consonância com os próprios projetos de mudança da cidade. Para o desenvolvimento deste estudo, como metodologia, optamos por uma revisão de literatura que dialogasse com o contexto e com os temas em foco, ou seja, estudos sobre a fundação da UFBA, sobre o fenômeno lazer, sobre a cidade e as ideias de modernidade. Ainda, na análise destas literaturas, utilizamos fontes históricas, específicas, jornais e revistas de época, notadamente o jornal *A Tarde*, por entendermos que este representava a conjuntura soteropolitana e seu cotidiano. Como conclusão, entendemos que houve uma interface entre a construção da UFBA e a produção, incorporação de novas formas de lazer pela cidade.

Palavras-chave: Lazer, Cidade, História, Educação.

ABSTRACT

BRITO FILHO, Wilson de Lima. **THE UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA AND THE LEISURE HISTORY IN THE CITY OF BAHIA**: routes, routines and breaks in the twentieth century - 1945-1955. Dissertation (Master of Education) - Faculdade de Educação – Post-Graduate Program in Education, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

This research work is part of the Post-Graduate Program in Education (PPGE), Faculty of Education, Universidade Federal da Bahia (UFBA) in the subject line Education, Culture and Leisure Body, placing your subject in research issues relating to Leisure City History and Education, discussing the theme of plurality and diversity, from the study of these practices in the state of Bahia, more directly in Salvador. The research is established on the basis of following question: What are the relations between the construction of the Universidade Federal da Bahia and the development and enjoyment of experiences and actions in soteropolitanos leisure, in the period between 1945 and 1955? From this issue, we point out as a hypothesis, the notion that the UFBA, from his actions, specifically the field of culture, influenced and at the same time, received influence of leisure modes of Salvador, between the years 45 and 55. Based on these elements, our proposed study aimed to investigate the historical process leisure Inception in Salvador, between 45 and 55 of the twentieth century, specifically from the formation of the Universidade Federal da Bahia. We also aim to understand how the impact of this institution, through their actions, were related to the organization of leisure in the city phenomenon, taking into account the different routes, routines and breaks the phenomenon possibly had in this period, in line with their own projects change the city. To develop this study, as a methodology, we chose a literature review that dialogue with the context and the focus on themes, ie studies on the foundation of UFBA on the leisure phenomenon of the city and the ideas of modernity. Still, the analysis of these literatures, we use historical sources, specific, newspapers and magazines of the time, notably the newspaper A Tarde, for we understand that these represented the soteropolitana environment and their daily lives. In conclusion, we believe that there was an interface between the construction of the UFBA and production, incorporating new forms of recreation for the city.

Keywords: Leisure, City, History, Education.

SUMÁRIO

1	PRIMEIRAS ROTAS...	7
2	CONFIGURAÇÕES DO CAMPO DO LAZER	19
2.1	ANALISANDO O TERMO	19
2.2	CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO FENÔMENO: Rupturas, antigos e novos direcionamentos	21
2.3	PAPEL SOCIAL DO LAZER	25
2.4	INTERESSES E CONTEÚDOS DO LAZER	29
2.5	ATUAÇÃO DA UNIVERSIDADE NO LAZER.....Rotinas e/ou rupturas?	32
3	ROTINAS NA CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO CULTURAL SOTEROPOLITANO	37
3.1	A CIDADE DA BAHIA E A UNIVERSIDADE	37
3.2	A CIDADE E SEU MOMENTO (1945-1955)	45
3.3	E A UFBA SURGE : No caminho de uma (re) construção...	57
3.4	LAZER E CIDADE: A UFBA EM CENA	65
3.4.1	Os movimentos dos estudantes: rupturas e novas rotas.	78
4	CAMINHOS EM ABERTO	83
	REFERÊNCIAS	87

1 PRIMEIRAS ROTAS....

Na literatura existente sobre o período de criação da Universidade Federal da Bahia (UFBA) há a presença de vários panoramas, que, em sua maioria, indicam os anos 1950, como tendo sido os autênticos “anos dourados” e isso, por entenderem os autores, que nessa fase, a tradicional sociedade baiana, mais especificamente a soteropolitana, direcionou-se a uma transformação que visava ligar essa cidade aos novos direcionamentos sociais, as efervescentes mudanças que se davam no período, no Brasil e no mundo.

Assim, Salvador, portanto, sentiu o desejo, mais uma vez, da transformação, concentração e expansão dos espaços e com eles a reestruturação dos modos de vida, próprios aos movimentos de modernidade.

Sobre esta e um possível conceito, Kumar (1996) afirma que ela:

extrai seu significado tanto do que nega como do que afirma. [...] a modernidade sente que o passado não tem lições para ela; seu impulso é constantemente em direção ao futuro. Ao contrário de outras sociedades, a sociedade moderna recebe bem e promove a novidade. É possível dizer que ela inventou a “tradição do novo” (p.473).

Nesse sentido, quando se fala de uma nova (con)formação de Salvador, Rosa (2001) assevera que:

Depois de permanecer quase a mesma durante um século, a velha cidade do Salvador foi invadida por novas ruas, avenidas e bairros. Nos jornais, propagandas de páginas inteiras anunciaram enceradeiras, rádios, liquidificadores e outras comodidades, encontradas nas lojas da Rua Chile¹ e arredores (p.99).

É importante frisar que esse processo de transformação acabou influenciando toda a dinâmica social e também, os modos de vida e as formas de lazer e fruição artística e cultural na capital baiana. Assim, podemos dizer que o movimento de criação da UFBA esteve diretamente ligado a esses processos de mudança, já que:

¹ Rua localizada no centro histórico do Salvador, que liga a Praça Castro Alves e o Largo do Terreiro de Jesus (Pelourinho).

Tirar da rotina e do marasmo a música, a dança, o teatro e as artes de um modo geral é mexer nas estruturas sedimentadas e zelosamente cuidadas. E esse papel, subversivo, coube àqueles que vieram de outras plagas (...) que aportaram na Bahia no período em que o Reitor Edgard Santos construiu a experiência fundadora, humanista e aberta, da Universidade Federal da Bahia (LEÃO, 2006, p.91-92).

As práticas culturais, importantes e necessárias ferramentas para o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos, foram importantes recursos utilizados no processo de tentativa de ajustamento e continuação aos novos modos de vida. É importante observar que ao nos referirmos a práticas culturais, estamos reunindo a diversidade e diferenças próprias a uma grande quantidade de atividades envolvendo: "... ritos, modos simbólicos, atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume sob formas específicas das relações sociais e de trabalho" (THOMPSON, 1998, p. 22).

Nesse momento de um novo projeto de modernização da Bahia², a UFBA, como uma nova instituição, teve papel importante na deflagração desse processo de mudança. Suas construções no âmbito das práticas culturais tiveram peso na sociedade soteropolitana, ajudando a construir novas vivências e novos sentidos, dando significados a vida social e aos lazeres da população. Vale ressaltar que para esse estudo, entendemos lazer como:

...uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo (GOMES, 2004, p. 125).

Podemos perceber que o lazer e sua construção aparecem junto a muitas tensões e contradições, e que não há um consenso acerca do seu valor social, seus conceitos, legados e possibilidades. Situação que não vai divergir quando tratamos da cidade do Salvador.

² Novo, já que outros haviam sido experimentados antes. Ver mais em: ROCHA JUNIOR, Coriolano P. da. *Esporte e modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX*. Tese (Doutorado em História Comparada) – Instituto de História – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

A construção social do lazer não se dá de forma unilateral, não representa uma única realidade ou sentido. No entanto, é real e presente nas várias sociedades ocidentais. Nesse sentido, Marcellino (2002, p. 54) afirma que:

Todos os assuntos ligados aos estudos do lazer são bastante polêmicos. Para não fugir à regra, a questão da ocorrência histórica do lazer também é bastante discutida. Alguns autores consideram que, se os homens sempre trabalharam, também paravam de trabalhar, existindo assim um tempo de não-trabalho, e que esse tempo seria ocupado por atividades do lazer, mesmo nas sociedades chamadas “tradicionais”. Para outros, o lazer é fruto da sociedade moderna-urbano-industrial.

Por mais polêmico e polissêmico que seja, para nós, é impossível esquecer o lugar que o fenômeno lazer ocupa na estrutura das sociedades. No caso deste estudo, que tem como recorte temporal o intervalo entre 1945 e 1955, buscamos analisar a relação entre a UFBA e a cidade da Bahia³, como uma nova Instituição, e na tentativa de constituição de novas práticas de lazer. E isto, vai se construir, por entendermos que esta Universidade se estruturou num momento em que a sociedade soteropolitana tentava acompanhar as mudanças no cenário mundial, que envolviam uma crescente industrialização, um novo desenvolvimento das cidades, a mudança do modo de produção econômica e industrial, além da científica e também, cultural.

Neste sentido, também os espaços festivos e as ofertas de lazer passavam por uma modificação, conforme Melo e Alves Junior (2003, p. 14) demonstram:

Podemos identificar uma busca paulatina por espaços públicos e uma organização progressiva do mercado de diversões, inicialmente com o teatro, depois com o esporte e o cinema e, já no início do século XX, com o rádio e mais tarde com a televisão.

Há, nesse sentido, uma busca alicerçada e influenciada por um cenário mundial, que serviu de referência para esse processo de modernização e cientificização social de Salvador. Para tanto, o entendimento de cidade que se fez

³ O termo “cidade da Bahia” empregado durante a itinerância do trabalho refere-se ao modo de tratamento dado por Antônio Risério, no livro - Uma história da cidade da Bahia. 2ªed. Rio de Janeiro: Versal, 2004. Esse termo aparece no tratamento dado a cidade pelos que “vinham do interior” para a cidade da Bahia (Salvador).

presente procurou atender a uma ideia de movimento constante, pautado na perspectiva de construção de uma cidade que queria ser moderna, seguindo os modelos apresentados pelo Rio de Janeiro e Europa.

Acerca desta ideia, Choay (1994, p.20), mostra que a cidade “só sobreviverá sob a forma de fragmentos, imersos nas marés do urbano, faróis e balizas de um caminho a inventar”, indo muito além de uma definição, de uma direção em busca de sobrevivência, ou seja, a cidade frente a um movimento constrói outro, o de transformação.

Nesse sentido, a criação da UFBA foi para nós, um divisor de águas. Assim, o presente estudo buscou entender as possíveis relações entre a constituição de uma nova unidade acadêmica, a UFBA, e os processos de experimentação das diversas formas culturais, que se configuravam como possibilidades de lazer na e para a cidade, ou seja, buscamos entender a relação entre a construção da UFBA e a constituição do lazer em Salvador.

Por conta disso, o título desse estudo é **“A UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E A HISTÓRIA DO LAZER NA CIDADE DA BAHIA: rotas, rotinas e rupturas no século XX – 1945-1955”**. Tal produção faz parte do Programa de Pós- Graduação em Educação (PPGE), da Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), na linha temática Educação, Cultura Corporal e Lazer, situando o seu objeto de estudo na investigação de questões relativas ao Lazer, Cidade, História e Educação, discutindo as suas pluralidades e diversidades, no estado da Bahia, mais diretamente em Salvador.

Reside nesse tema uma relação onde as rotas, rotinas e rupturas vão se entrecruzando com as diversas possibilidades de (re)construção dialogada das práticas culturais soteropolitanas numa constância de enfrentamentos, aceitação, negação e complementação que dão “pano de manga” para as leituras do ideal de modernidade almejado pela cidade da Bahia.

Nesse sentido, podemos observar que os sujeitos, em seu cotidiano, constroem e produzem cultura, entendida ora como “um conjunto de valores, normas e hábitos que regem a vida humana em sociedade” (MELO e ALVES JUNIOR, 2003,

p. 26). Em outra linha de pensamento, entendemos a partir das considerações de Bordieu (1983) a existência de um campo cultural. Para o autor:

um campo, e também o campo científico, se define entre outras coisas através da definição dos objetos de disputa dos interesses específicos que são irredutíveis aos objetos de disputas e aos interesses próprios de outros campos... (p.89).

Portanto, nesse trabalho optamos por pensar a cultura de forma ampla, considerando o contexto da erudição, em relação com as produções populares, o que estabelece nesse trabalho, um pensamento que coaduna com o ideal previsto pelos “novos estudos culturais”, em verdade, busca-se estabelecer as possíveis relações entre contextos e construções diferentes.

Montenegro (2003) salienta que não é certeza que a população (os sujeitos do cotidiano) percebiam de forma integral, a história, a produção cultural e os acúmulos vivenciados:

Muitos períodos da história oficial parecem passar despercebidos de uma grande parcela da população. É como se os acontecimentos da história narrada, divulgada pelos meios de comunicação e pelos diversos órgãos e agentes produtores do passado, nada de especial trouxessem, não deixando marcas que se constituíssem em referências de um passado, fundante de explicações de um presente, quiçá de projetos futuros (p.74).

E, na busca por estabelecer este elo informativo, temos como principal percepção sensibilizadora para o estudo, o seguinte questionamento: Quais as relações entre a construção da Universidade Federal da Bahia e o desenvolvimento e a fruição das vivências e ações no lazer soteropolitanos, no período entre 1945 e 1955? Esta questão, de forma inquietante nos remete ao entendimento da construção sócio histórica das relações entre o lazer, como fenômeno social e a UFBA, como espaço formativo, numa lógica que se circunscreve à formação humana, tendo como base o artigo 207 da Constituição de 1988 (BRASIL, 1988) que indica a indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão. Portanto, uma formação pautada na constante relação entre universidade e comunidades e nas possíveis trocas e desenvolvimento da condição humana e cidadã, uma vez que se alicerça em variados “olhares” sobre os objetos que se estabelecem como de estudo.

A partir deste problema, apontamos como hipótese, a noção de que a UFBA, a partir de suas ações, especificamente as do campo da cultura⁴, influenciou e ao mesmo tempo, recebeu influência dos modos de lazer da cidade do Salvador, na década de 40 e 50. Esta relação se mostrou a partir das diversas formas de vivência e experimentação de práticas, que possibilitaram, no cenário soteropolitano, o desenvolvimento de ações culturais diretamente ligadas à fundação dos cursos da UFBA, seus cursos livres e demais ações.

Essas relações estavam vinculadas as perspectivas de mudança que a própria cidade passava e o novo modelo de mundo que se buscava alcançar. Um modelo que buscava substituir tudo o que era tradicional, “lento”, artesanal, entendidos por ultrapassados, pela velocidade, por ações que indicassem o progresso estabelecendo uma nova cultura.

Partindo desses elementos, nossa proposta de estudo objetivou investigar o processo histórico de constituição do lazer, em Salvador, entre os anos entre 45 e 55 do século XX, especificamente a partir da formação da Universidade Federal da Bahia. Pretendemos também perceber como a repercussão dessa instituição, através das suas ações, se relacionou com a organização do fenômeno lazer na cidade, levando em consideração as diversas rotas, rotinas e rupturas que este, possivelmente teve nesse período, em consonância com os próprios projetos de mudança da cidade.

Para o desenvolvimento desse estudo, como metodologia, optamos por uma revisão de literatura que dialogasse com o contexto e com os temas em foco, ou seja, textos sobre a fundação da UFBA, sobre o fenômeno lazer, sobre a cidade e sobre modernidade. Ainda, na análise destas literaturas, as cotejamos com fontes históricas, específicas, jornais e revistas de época, notadamente o jornal - *A Tarde*⁵.

⁴ “um conjunto de valores, normas e hábitos que regem a vida humana em sociedade...” (MELO e ALVES JUNIOR, 2003, p.26).

⁵ Durante o trabalho foi importante observar quem escrevia o jornal à época, quem eram seus editores, a que grupos políticos se filiavam e logicamente o que oculta ou evidencia cada notícia, o que vai ter relação direta com essas “opções” e modelos de mundo. Vale também observar que no contexto estudado, a imprensa iniciava sua reconstituição após um período onde as notícias tinham um forte controle da censura, portanto, tínhamos descrições e notícias que além de atender a uma elite e seus ideais, tinha um controle externo por parte da ordem governamental vigente.

A opção pelo periódico se deu por quatro fatores principais: por ser esse periódico representativo do cotidiano e de circulação diária, por ser o mais antigo jornal e com ampla circulação, por nascer com características pautadas na modernização e difundir os ideais de modernidade e, por fim, por passar no trato e organização das suas matérias por uma situação ora de adesão, ora de não adesão a política.

Barros (2004, p. 134-135), no que é tocante ao uso destas fontes, indica que:

A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo. Uma fonte pode preencher uma das duas acima explicitadas: ou ela é o meio de acesso àqueles fatos históricos que o historiador deverá reconstruir e interpretar (fonte histórica = fonte de informações sobre o passado), ou ela mesma... é o próprio fato histórico. Vale dizer, neste último caso considera-se que o texto que está se tomando naquele momento como fonte que é já aquilo que deve ser analisado, enquanto discurso de época a ser decifrado, a ser compreendido, a ser questionado. É neste sentido que diremos que a fonte pode ser vista como 'testemunho' de uma época e como 'discurso' produzido em uma época.

Portanto, a tentativa foi a de desenvolver uma articulação entre os dados apresentados no jornal *A Tarde*, num trato com o que se encontra na literatura, na tentativa de compreender a cidade no seu diálogo com a fundação da Universidade Federal da Bahia e as repercussões da Instituição nos fazeres e lazeres soteropolitanos. Isto, através do 'testemunho ou discurso' destas fontes, em específico na construção da cultura do fenômeno lazer no imaginário e cotidiano dos soteropolitanos.

É importante, nesse percurso, observar o que Barros (2004, p.28) sinaliza acerca do ato de pesquisa do historiador:

O historiador não deve se transformar em um mero recenseador retroativo, como estamos tentando demonstrar. É preciso que, mesmo partindo dos fatos demográficos, ele esteja atento aos fatos da cultura, a aos fatos econômicos, aos fatos políticos, às ideologias, aos aspectos antropológicos.

Ou seja, o historiador observa de maneira multirreferencial. Triviños (1987) afirma que as informações que tratam da "vida dos povos não podem ser

quantificados e precisam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo...” (p.120). Nessa linha é que a abordagem utilizada neste estudo reside numa pesquisa de cunho qualitativo.

Aprofundando um pouco mais acerca do método, após a leitura de Kincheloe (2007, p.16) *apud* Macedo (2009, p.91-92):

Entende esse autor que a teoria é mais uma explicação de nossa relação com o mundo. Acrescenta que nas pesquisas qualitativas não podemos utilizar uma teoria do patriarcado para dizer o que aconteceu em uma determinada situação, mas devemos “escavar, raspar”, analisar diferentes ângulos e empregar múltiplos métodos de pesquisa e estratégias interpretativas para examinar aspectos distintos da situação.

Convencidos da necessidade de aprofundar, ir além, articular e entrelaçar os livros, artigos, juntamente a periódicos acessíveis é que propomos uma “triangulação de dados”. Nesse sentido, em Macedo (2009, p.102) vemos que a “ideia de triangulação não significa fechar-se em três ângulos de compreensão, mas, acima de tudo, trabalhar com vários ângulos, ampliar os contextos de emergência do fenômeno que estudamos e enriquecê-lo também em compreensão”. No presente trabalho, os jornais e periódicos de época, as referências bibliográficas e o nosso olhar, foram responsáveis pela construção em pauta.

Outro importante fator a se observar, no trato metodológico foi a opção em adotar embasamento na História Cultural, partindo da tentativa de apresentar “retratos fidedignos” do recorte temporal, que incluam as impressões e acontecimentos que dêem conta da realidade vivida. A História Cultural, como abordagem, funda uma percepção ampliada dos fenômenos, mas é importante entender que não se trata de um enquadramento do estudo e sim da opção de tornar a análise de dados fidedigna. Os historiadores culturais: “... devem praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação” (BURKE, 2008, p.33). Portanto, a análise do contexto é repleta de vida, incluindo nos processos de interpretação os sujeitos, os ditos e os não ditos e eventos históricos.

A pesquisa então se faz bibliográfica, por entendermos que a mesma possibilita um contato direto com as produções, colhendo as visões e registros existentes acerca da temática. Segundo Gil (2006, p. 44), esta: “é desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Dessa forma, fundamenta-se nas produções teóricas acerca do tema, principalmente a literatura, na tentativa de uma organização lógica e fidedigna dos acontecimentos e perspectivas teórico-metodológicas acerca do objeto tratado. Preocupa-nos a busca real do contexto em foco, pois:

os pesquisadores qualitativos ao mesmo tempo em que reconhecem os problemas da validade classicamente conquistada, proporcionam um leque potencialmente rico de interpretações ou de perspectivas, não erradicando as opiniões das minorias ou das maiorias silenciadas (MACEDO, 2009, p.102-103).

Mas para que essa organização acontecesse foi importante avaliar a qualidade dos instrumentos que seriam tomados, estabelecendo critérios, com nos relata Scott (1990) *apud* FLICK (2009). Para este, a genuinidade do documento, a ausência de erros, a representação objetiva do tipo que constitui e a percepção do objeto são imprescindíveis. Nesse sentido, recomenda Kinckeloe (2007, p.102) *apud* Macedo (2009, p.105):

conectar o objeto de investigação aos muitos contextos em que ele está inserido; apreciar o relacionamento entre o pesquisador e o que está sendo pesquisado; conectar a produção de sentido à experiência humana; usar formas textuais de análise ao mesmo tempo em que não se perde de vista que seres humanos vivem e respiram, são as entidades em torno dos quais e com os quais o sentido está sendo produzido; conectar formas de visão e ação informada.

Sendo assim, a voz, sentido e sentimento dos atores sociais precisaram de fato se fazer presentes, partindo de um rigor próprio das ciências qualitativas, um rigor pautado na pluralidade e densidade das informações, próprio da complexidade humana, entretecida e que reúne vários fatores na construção das realidades e não pode ser analisado a partir de fatores estanques.

Portanto, como dito, além de uma revisão bibliográfica, utilizamos a pesquisa em jornais e periódicos da época, na busca de nuances e “retratos das realidades”

vividas no período. Usamos essas fontes, catalogando dois tipos de notícias principais: as experiências culturais da época de forma genérica e as informações acerca de ações onde a UFBA se fizera presente e sua própria fundação.

As informações presentes em nosso trabalho são de construção crítica, uma vez que foi preciso uma análise cuidadosa, pois quem escreve sempre o faz endereçado a um público e, para tanto, adotamos o entendimento apresentado por Macedo (2009, p.109), quando afirma que a pesquisa qualitativa:

...enquanto acolhimento da crítica, a pesquisa não pode desprezar as contradições. Essas são emergências caras à criticidade. Documentar, compreender contradições e ambiguidades, bem como opinar sobre conflitos, é parte da construção da complexidade das pesquisas qualitativas. Em vez de descartá-las e substituí-las, são consideradas subsídios ricos para compreensão das realidades humanas.

Muitas são as possibilidades e também preocupações do trato a ser dado ao trabalho e por fim, a observação do caminhar. Burke (2008) chama atenção para a necessária preocupação à: "... tentação que o historiador cultural não deve sucumbir de tratar textos e as imagens de certo período como espelhos, reflexos não problemáticos de seu tempo" (p.33). Portanto, um "distanciamento" referenciado percorreu todo o trabalho, buscando delimitar todos os seus momentos de forma cuidadosa e comprometida com a apresentação fidedigna da compreensão do fenômeno e suas relações, para que de fato esse fosse observado.

Por fim, também há que se falar no recorte temporal. A opção pelo período residiu naquilo que o problema apresentou como ponto fulcral, ou seja, a tentativa de compreender o período imediatamente anterior e também posterior a criação da UFBA. A busca foi por analisar a conjuntura cotidiana soteropolitana anterior a sua fundação e ainda, analisar as repercussões de sua instituição, observando a representação nos lazeres soteropolitanos a partir dessa criação, e como estes se representavam nela, entendendo este momento como um período de efervescência cultural, como afirma Risério (2013). Assim, cremos que este período nos dá margem para a estruturação de nossos estudos, justo por mostrar dados anteriores à fundação, as expectativas e repercussões da Universidade, e ainda, de entender

sua circulação e representação na cidade e, desta nela, neste que foi um momento de ebulição cultural baiana.

A relevância deste estudo está na busca do reconhecimento das produções científicas das áreas em foco, bem como, nas relações, vivências e no acúmulo histórico que constituem o processo de formação cultural dos sujeitos e da interferência destes conhecimentos, no alicerce e produção dos saberes e de práticas humanas, de forma a promover interações significativas que possibilitam uma percepção em volta desse fenômeno e seus desdobramentos. Também é importante frisar a inexistência de estudos correlatos no estado da Bahia, o que confere a esse trabalho uma condição de ineditude e acresce ao mesmo, maior importância. De forma concreta, buscamos entender as demandas apresentadas pelos sujeitos e diversas instituições sociais no período de tempo de uma década. Reconhecer e aproximar-se desse cenário, consistiu difícil e importante tarefa, já que nos permitiu a interpretação das construções culturais locais.

O interesse em desenvolver uma pesquisa nesse âmbito foi despertado, a partir da participação em projetos de extensão universitária, onde foi possível a aproximação com o campo de atuação do Lazer na cidade do Salvador. Isto através do contato com as práticas, experiências e intervenções das e nas comunidades, estabelecendo, um diálogo constante de saberes e fazeres e a cada intervenção, demonstrando a possibilidade do processo de construção de conhecimentos socialmente referenciados numa perspectiva significativa.

Posteriormente, pudemos ministrar componentes curriculares no âmbito do lazer e com isso aprofundar aspectos acerca do reconhecimento das práticas e manifestações culturais na formação do conhecimento e das práticas corporais, na cidade. E por fim, se soma a própria vivência na Universidade, como aluno e professor substituto e as atividades do grupo de pesquisa⁶.

Há muito a ser dito. Assim, o trabalho foi organizado a partir de quatro capítulos, a saber: O capítulo I, denominado “*Primeiras Rotas...*” onde foram apresentadas as principais palavras chaves, problema, hipótese, objetivos,

⁶ Grupo CORPO (COTIDIANO, RESGATE, PESQUISA E ORIENTAÇÃO).
<http://www.grupos.com.br/blog/corpoufba>

relevância e motivação para o tema, metodologia do trabalho e a discussão, mesmo que sucinta, de cada capítulo do trabalho.

No capítulo II “*Configurações do campo do lazer*” lançamos mão de uma construção histórica do fenômeno, suas características e funções sociais, situando-o enquanto construção necessária ao desenvolvimento do homem, onde a constituição histórica, conceitos e significados são fontes para a compreensão do mesmo e suas diversas nuances na vida social e da sua relação com a Universidade, além da apresentação de experiências.

O capítulo III “*Rotinas na construção cultural do cenário Soteropolitano*”, na contextualização, buscamos compreender a Salvador entre os anos quarenta e cinquenta do século XX, na tentativa de trazer à tona a conjuntura social, política, cultural e econômica vivida e as repercussões nos modos de vida e na relação de cotidianidade da cidade e suas relações com o nascimento do academicismo, também o surgimento da UFBA e o cenário dessa relação permearam o texto.

Nestes capítulos, junto aos seus temas específicos, procuraremos demonstrar a fundação da Universidade Federal da Bahia e sua repercussão na construção e desenvolvimento do fenômeno através das suas ações específicas no âmbito da cultura, com a apresentação e discussão das notícias coletadas nos periódicos, num constante diálogo com autores e atores do cotidiano soteropolitano de época, sempre dialogando com os periódicos e jornais.

E por fim, a busca por “*Caminhos em aberto...*” na tentativa de compreender o fenômeno, suas relações e possibilidades sem, no entanto, fechar o estudo de forma completa, pois acreditamos que “... não pode haver nas pesquisas qualitativas um termo final último formulado como modelo preciso, porque tudo que é qualidade é sempre resultante de fluxos intencionais complexos e flutuantes, suscetíveis a mudanças inesperadas” (GALEFFI, 2009, p.36). Prossegue, dessa forma, o estudo e novas compreensões e interpretações.

2 CONFIGURAÇÕES DO CAMPO DO LAZER

Entre rupturas e acomodações como se configura o lazer? De que maneira se constrói sua cotidianidade frente aos diversos universos? Como se articula o fenômeno na perspectiva popular e na perspectiva erudita? De fato, estas e muitas respostas se constroem na definição da nossa itinerância pelo lazer, permitindo a abordagem de caminhos diversos, cujas possibilidades abrem-se ao mundo, nesse lapso temporal circunscrito pelo ideal de modernidade.

Pensar no fenômeno lazer é adentrar um emaranhado de significados e tempos, onde a palavra ou vocábulo utilizado para descrever o fenômeno ou ações similares, com características que se assemelham ao lazer vem adquirindo, historicamente, sentidos e significados dos mais diversos. E nesse sentido Dumazedier (2004, p.21) nos adverte:

O lazer é uma realidade fundamentalmente ambígua e apresenta aspectos múltiplos e contraditórios. Se não recorremos à língua de Esopo, talvez seja porque ela tenha sido demasiadamente utilizada para ainda expressar alguma coisa. Devemos, porém, desconfiar das definições *a priori*, das generalizações apressadas e das sínteses prematuras.

Cabem muitos diálogos, tomaremos como rotas iniciais, pensar o termo e sua constituição histórica, sigamos em frente!

2.1 ANALISANDO O TERMO

O termo lazer e o seu conceito é palco de uma teia de significados e possibilidades de análise, como indicam Melo e Sousa (2009, p.2):

...o conceito de lazer tem sido debatido e reconstruído em seu campo específico de estudos, desde a ideia de simplesmente “tempo livre” que não apreende a complexidade do objeto, até as discussões que o consideram construção cultural, fenômeno social, e no Brasil, direito social defendido em constituição.

E nesse sentido, não existem consensos, trata-se de um termo cheio de significados e essa questão traz dificuldades acerca de sua percepção, vivência e aprofundamento, levando constantemente a uma confusão entre o lazer e demais fenômenos sociais, quando não de sua proposital descaracterização. Nesse sentido, Marcellino (2001, p. 19) apresenta que:

Não existe um consenso sobre o que seja lazer entre os estudiosos do assunto, ou entre os técnicos que atuam nessa área, e muito menos no nível da população em geral. O fato, que traz dificuldade para abordagens do tema, programação de atividades e sua difusão, indica também que se trata de um termo carregado de preferências e juízos de valor.

Tentando aprofundar o reconhecimento do termo, alguns autores buscam o surgimento e derivação da palavra e nesse sentido, Melo (2010, p.15) afirma que:

A palavra *leisure* surgiu no século XIV, com o sentido de “oportunidade de fazer algo”, derivada do francês medieval, *leisour*, que era originário do francês antigo *leisir*, que significava “ser permitido”, que por sua vez vinha do latim *licere*, que significava “ser lícito”. O conceito moderno de lazer, contudo parece ter claramente se sistematizado a partir do século XVIII.

E é a partir dessa perspectiva que os estudos sobre o termo se asseveram, na verdade são constantes não apenas as discussões sobre a origem do termo, mas sobre o próprio surgimento do fenômeno.

A despeito destes estudos acerca do lazer:

a palavra lazer e os diversos sentidos que carrega foram se incorporando à fala popular e tornando-se cada vez mais presentes, o que significa certa tendência à valorização do conceito enquanto possibilidade de vivência cotidiana (MELO E ALVES JUNIOR, 2003, p.01).

Entretanto, é importante observar que esse trato não surge por geração espontânea. Ora é entendido como um desdobramento de práticas e costumes que acompanham o homem desde a sua pré-história e vivido através de práticas que envolviam a diversão, contemplação, festividades, o descanso, etc., ora é entendido como um fenômeno moderno diretamente relacionado à urbanização e a Revolução Industrial (MELO, 2010).

Iniciamos, dessa forma, na busca por um diálogo acerca do lazer, investigando sua construção histórica. A tentativa não é a de enquadrá-lo em projetos e modelos definitivos, mas tratá-lo numa perspectiva que dê conta das relações diferentes e possibilidades do fenômeno e, a partir daí, optar por uma nuance que atenda aos anseios e perspectivas desse trabalho.

Portanto, compreender as configurações do lazer e o próprio fenômeno, para as nossas discussões, contempla a sua origem, os processos e atos históricos, econômicos, sociais e políticos que contribuíram com a sua construção no tempo e imaginário humano, os tipos e conteúdos, bem como, seus usos na tentativa de uma análise que de fato circunscreva o lazer e suas relações. Nesse sentido, é sabido que o fenômeno vem ocupando, e de forma cada vez mais crescente, espaço no cenário social.

2.2 CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA DO FENÔMENO: Rupturas, antigos e novos direcionamentos

Cabe salientar que, também a sua constituição histórica encontra diferentes propostas e descrições, ora entendendo-o como fenômeno moderno, ora entendendo-o como um fenômeno que sempre permeou a vida do homem no mundo. Tomamos de pronto a decisão de pensar o lazer como um fenômeno moderno. Ao adotarmos para esse trabalho a corrente que o define a partir dessa dimensão, nos apoiamos em autores como: Bacal (2003); Mascarenhas (2004); Durmazedier (2004). Também em Marcellino (2001, p.14), que afirma:

...a partir da Revolução Industrial, com os avanços tecnológicos que acentuam a divisão do trabalho e a alienação do homem do seu processo e do seu produto. O lazer é resultado dessa nova situação histórica – o progresso tecnológico que permitiu maior produtividade com menos tempo de trabalho. Nesse aspecto, surge como resposta a reivindicações sociais pela distribuição do tempo liberado do trabalho, ainda que, num primeiro momento, essa partilha fosse encarada apenas como descanso, ou seja, recuperação da força de trabalho.

É importante observar que o lazer, inicialmente pensado como descanso para o “uso do tempo livre”, foi se configurando em novas possibilidades. E mais ainda, o

lazer foi incorporado a vida comum, sobretudo no momento em que se deu uma série de mudanças sociais, advindas do avanço tecnológico, especificamente com: “...o início da transição do estágio tradicional para o moderno [em] que se verifica a ruptura entre a vida como um todo e o lazer, fazendo com que esse adquira significação própria” (MARCELLINO, 2001, p.20).

De uma sociedade onde prevaleciam as relações personalizadas, na qual os sujeitos “ditavam” o ritmo da vida, passamos a relações que seguem um tempo outro, um tempo de “máquina”.

Na perspectiva que apresenta o lazer como um fenômeno moderno a sua constituição perpassa pela compreensão do tempo, da atitude e do espaço, que nas sociedades urbano industriais ganharam um novo significado, diante da constituição de uma nova cultura. Nesse sentido, Bacal (2003, p. 24) sinaliza quanto as mudanças relativas ao tempo social:

...nas sociedades industriais em que vivemos, as relações do homem com seu ambiente tornaram-se rigorosamente reguladas pelo cálculo do tempo: o estabelecimento de torres com relógios, a posse e o uso generalizados de cronômetros individuais, medindo as horas, minutos e segundos, servem para sistematizar a divisão do tempo, mas paralelamente, esse novo conceito de duração, em que sobressai o aspecto quantitativo, terá influência em diversas ordens sobre o pensamento e o comportamento do homem atual.

De fato, essa divisão da vida em frações e divisões de tempo é um dos estopins para o desenvolvimento, junto à “intenção própria do período industrial” de tornar o homem ativo constantemente, mobilizando uma luta por um “tempo livre”, originário do lazer, de acordo com a linha que adotaremos nesse estudo.

Na esteira da compreensão do lazer como fenômeno moderno, os próprios estudos passaram a existir e se estruturar a partir dos trabalhos de sociólogos, pós Revolução Industrial e seus desdobramentos no universo do trabalho. E nesse sentido, Melo (2010, p.15) apresenta um processo de sistematização próprio a construção de lazer, tendo com fundamento essa corrente, através da observação da:

...articulação entre o desenvolvimento de um novo modelo econômico (que tem como um dos parâmetros centrais o modo de

produção fabril), uma nova organização política (o fim do absolutismo e a gestão da ideia de Estado-Nação), a melhor estruturação de um conjunto de posições acerca da vida em sociedade (decorrentes do iluminismo e do liberalismo) e a nova conformação de classes sociais (o crescimento do poder da burguesia e o surgimento da classe operária) configuram um momento histórico marcado pela ruptura com o passado.

É língua corrente que a modernidade traz consigo essa transformação, em vários campos, mas nos interessa neste instante o lazer. E nesse sentido, Melo e De Souza (2009, p. 04) indicam que:

A modernidade trouxe profundas mudanças para a humanidade ocidental, e várias características de nosso cotidiano, têm seu ponto de partida nesse momento. Uma dessas profundas mudanças foi à configuração do meio urbano e sua centralidade no estilo de vida moderno, estendendo-se à contemporaneidade.

Ainda no que tange à origem do lazer, a noção que entende esse fenômeno como emergente desse período “de transição”, indica o seu surgimento relacionado à urbanização e à Revolução Industrial, e prossegue Melo (2010, p. 16):

A estruturação das fábricas e a subsequente necessidade de facilitar a circulação de mercadorias transformaram a cidade no novo locus privilegiado de vivências sociais, sede das tensões que se estabeleceram na transição entre o novo e o antigo regime. A necessidade de gerar um novo conjunto de comportamentos considerados adequados para a consolidação do modelo de sociedade em construção, adenda-se a reorganização dos tempos sociais: a artificialização do tempo do trabalho, uma decorrência da industrialização, dá origem a um mais claro delineamento do tempo livre.

Foi a partir deste delineamento, ou melhor, da luta por mais tempo livre, que se configurou o fenômeno lazer. A divisão temporal estabeleceu uma série de relações e Bacal (2003, p. 10) indica:

Uma vez colocada analiticamente a divisão do tempo, impôs-se a verificação, mediante um panorama diacrônico, do significado valorativo das diferentes atividades para o homem, quando contextualizado numa realidade concreta...

No que tange aos estudiosos que se aproximam do entendimento de que o lazer se dá, a partir da continuidade de outros períodos históricos, percebemos diferenças entre os fenômenos de outrora e o moderno fenômeno lazer, apesar de trazerem semelhanças com o que conhecemos hoje. Neste sentido, Werneck (2000, p.21), assevera que:

Estudos de (ARENDR, 1993) revelam que a palavra grega *skhole*, assim como a latina *otium*, significam toda e qualquer isenção da atividade política e não simplesmente lazer, embora ambas sejam também utilizadas para indicar cessação de trabalho. Entretanto, *skhole* não resultava da existência de um “tempo de folga” conquistado sobre o trabalho, mas era a possibilidade de abstenção das atividades ligadas à mera subsistência.

Podemos indicar que temos uma importante aproximação ou preparação para a construção da ideia de lazer, pois se estabelecem as suas primeiras características, por conta de uma busca contínua por diversão e de vivência do lúdico, que permearam a vida do homem em todos os tempos e, nessa linha de pensamento, Melo e Alves Junior (2003, p.02) nos indicam que:

...observamos que a contínua busca de formas de diversão não significa ter sempre existido o que hoje chamamos por lazer, na medida em que tais formas de diversão **(descanso e contemplação – grifo nosso)** guardam especificidades condizentes com cada época, que devem ser analisadas com cuidado. Por certo existem similaridades com o que foi vivido em momentos anteriores – e mesmo por isso devemos conhecê-los -, mas o que hoje entendemos como lazer guarda peculiaridades que somente podem ser compreendidas em sua existência concreta atual. O fato de haver equivalências não significa que os fenômenos sejam os mesmos.

Pensar o lazer e a corrente que indica o surgimento do mesmo, pautado nessa continuidade histórica, traduz uma possibilidade que ocupa a minoria dos estudiosos e profissionais, mas não lhe remete maior ou menor importância.

Muitos são os questionamentos. Porém uma discussão se faz presente, esse tempo livre, contempla atividades de livre escolha? Que outros fatores além do tempo delimitam e definem o lazer? Qual (is) o (s) papel e função desse fenômeno?

Partindo dessas questões e à luz do nosso objeto de estudo segue-se uma sequência na tentativa de aprofundar o diálogo acerca do fenômeno e suas representações.

2.3 PAPEL SOCIAL DO LAZER

Como analisar o lazer do ponto de vista de sua função social? Ele contribui para a manutenção ou transformação da ordem social? Marcellino (2001, p.12), o entende “... como fenômeno revolucionário, detonador de mudanças nos valores e nas atitudes, ou simples elemento de superação dos conflitos, procurando favorecer o ajustamento das pessoas ao sistema social vigente.” Portanto, promotor de mudanças, fenômeno de acomodação ou de ajuste?! Que se inicie o diálogo.

As influências do mundo grego na nossa vida atual se deram em diversos campos do conhecimento e é até hoje uma forte inspiração para a: “constituição do pensamento ocidental, principalmente no que se refere à inter-relação entre as noções de lazer e trabalho, assumindo contraditórias relações” (WERNECK, 2000, p.27).

Dessa forma, prossegue a mesma autora (2000, p. 27):

desde os primórdios da sociedade grega, os sentidos de lazer são atrelados ao ócio, construídos para denotar um privilégio de classe. Além disso, o lazer era concebido como algo à parte da dinâmica sociocultural mais ampla, e o prazer por ele proporcionado é naturalizado, ficando destituído de quaisquer relações com o contexto. As desigualdades sociais que demarcam o lazer eram também refletidas em outros planos, pois a parcela de cultura e educação recebida dependia da classe social da qual os homens livres eram provenientes.

Percebe-se uma primeira noção de funcionalidade que será apropriada pelo lazer – em verdade, nesse momento histórico, temos movimentos e atividades que o antecedem e guardam peculiaridades e se assemelham ao fenômeno - que é demarcar “o *status* dos homens livres” presente no mundo grego:

...constituído, preponderantemente, por atividades intelectuais e musicais, entendido o último termo como pertinente ao cultivo das musas, que, na mitologia grega, eram nove, todas filhas de Mnemósina e Zeus, e presidiam às artes liberais: Clio (História), Euterpe (Música), Tália (Comédia), Melpômene (Tragédia), Terpsícore (Dança), Erato (Elegia), Polímnia (Poesia Lírica), Urânia (Astronomia) e Calíope (Eloquência) (BACAL, 2003, p.11).

E prossegue a mesma autora (2003, p.11): “na época contemporânea, esse tempo assume, quanto ao conteúdo, o caráter de atividades construtivas de bens materiais e imateriais”.

Cria-se uma ideia geral de vivência necessária do lazer, que adquire uma função de “fonte de felicidade”. Dumazedier (2004, p.25) afirma que: “Nos dias de hoje, o lazer funda uma nova moral de felicidade. É um homem incompleto, atrasado e de certo modo alienado, aquele que não aproveita ou não sabe aproveitar o seu tempo livre.”

Embora essa ideia seja crescente, a da “difusão do lazer como fonte de felicidade”, na contramão desse entendimento, vale sinalizar o que indica Godbey (s.d.) *apud* Marcellino (2001, p.13-14):

...o que vem aumentando nos últimos anos não é o lazer, mas o que ele denomina de “antilazer”, atividade compulsiva e realizada a partir de necessidades impostas exteriormente, com baixo grau de autonomia pessoal e altos graus de pressões e preocupações com o tempo.

Em outra linha, é importante observar que após as diversas reivindicações da classe operária, que teve toda a sua vida modificada pelo crescimento e desenvolvimento do processo fabril-trabalhista, o lazer se reconfigurou, assumindo funcionalidades outras. De fato, a classe burguesa – detentora dos bens de produção:

Passa a entender o lazer como excelente auxiliar na programação de valores úteis à manutenção do sistema, seja por incrementar direta ou indiretamente os negócios – pelo estímulo ao consumo impensado e pela restauração das forças de trabalho –, seja por difundir pressupostos ideológicos (MELO & ALVES JUNIOR, 2003, p.11).

Estas abordagens, até o momento, dão conta de uma perspectiva da diversão, do descanso, mas segundo Dumazedier (2004, p.42): “O lazer não é somente o tempo da distração, aquele no qual se obtém uma informação desinteressada”.

Portanto, o fenômeno ocupa o lugar reconhecido de um duplo papel educativo. Nesse sentido, Marcellino (2001, p. 58-59) apresenta duas noções e educação pelo e a educação para o lazer. Assim, afirma a:

...primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação; e a segunda, que para a prática positiva das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação...

Vale ainda abordar o fenômeno, no intuito de alargar suas possibilidades num entendimento que o apresenta como necessário a condição humana e nesse sentido, Marcellino (2001, p.17) afirma categoricamente:

o lazer não pode mais ser encarado como atividade de sobremesa ou moda passageira. Merece tratamento sério sobre suas possibilidades e riscos. Nesse sentido, proponho considerá-lo não como simples fator de amenização ou alegria para a vida, mas como questão mesmo de sobrevivência humana, ou melhor de sobrevivência do humano no homem.

Dessa forma, mais que um papel social de luta, adequação, formação e desenvolvimento, o lazer estabelece-se como uma possibilidade, como um fenômeno capaz de desenvolver a condição humana através da sua vivência.

Nesse sentido, Melo e Alves Junior (2003, p.51) sinalizam que: “os momentos de lazer não podem ser compreendidos como instantes de alienação, desconectados com a realidade social, tampouco como espaços de fuga...” Seu potencial caminha no sentido de questionamento da ordem social e promoção da qualidade de vida pessoal e social. Entretanto, vale salientar que no âmbito da cultura e da produção humana, ora se mantêm e ora se contrapõem as práticas que ratificam e propagam ou são contrários e buscam a superação de um determinado modelo de ordem social.

Com tudo isso é importante ainda frisar que, não são descartados o caráter de repouso, diversão e desenvolvimento pessoal dos momentos de lazer, mas estes precisam ser redimensionados de maneira que essas perspectivas não atendam apenas a quem é detentor do poder (MELO e ALVES JUNIOR, 2003).

Observa-se dessa maneira, um papel social do lazer, que não é apenas desse fenômeno, mas de toda atividade humana ou mais, é ainda um traço da própria condição do ser. Nesse sentido, estudos de Arendt (2005, p. 31) asseveram que: "... Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos." E não refere-se a presença por si só, mas implicando no fato que a localização das coisas como elas o são, é fruto do que foi produzido e vivido por outros homens.

Ora, tais direcionamentos nos remetem, na análise do fenômeno lazer e seu papel social, a uma constatação primeira da existência de um testemunho das ações humanas que se complementam formando o universo cultural e, uma segunda constatação, que em tese advém do acúmulo da anterior, onde a disponibilidade para aceitar ou se contrapor ações formam uma teia de participações e exclusões.

Nessa linha de pensamento, a mediação pedagógica, vai ser visceral para o seu desenvolvimento e reconhecimento pessoal e/ou coletivo, de forma que, o papel social do lazer perpassa pelo reconhecimento a partir da consideração do duplo sentido educativo do fenômeno.

Padrões e modelos estéticos pautados numa cultura erudita têm sido historicamente utilizados para "classificar" ações humanas num processo dicotômico. De um lado aquelas desenvolvidas, melhoradas e, de outro, aquelas "selvagens", sem aprimoramento.

Essa classificação - que embora não implique atualmente numa determinante onde o que é produção fora da erudição seja negativo ou ruim – traça uma divisão social de acesso às manifestações, aprofundando a distância da grande massa popular a linguagens e produções humanas, determinando "... desníveis de acesso decorrentes da falta de oportunidades e de estímulos..." (MELO e ALVES JUNIOR, 2003, p.55), numa nítida negação à rica diversidade e linguagens culturais.

Na verdade, o problema central é a falta de um processo contínuo de educação (no nosso objeto e foco educação para e pelo lazer – **grifo nosso**) que permita às pessoas descobrirem as possibilidades de prazer ocasionadas pelas manifestações culturais, sejam quais sejam, o que acabam restringindo a vivência dos momentos de lazer... (MELO E ALVES JUNIOR, 2003, p.56).

A vivência fruída de atividades e manifestações culturais, de padrões estéticos diversificados, quando em diálogo com as diversas representações e compreensões, permitem um desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos, sendo mesmo uma proposta para a superação as faltas de alternativas e os prazeres superficiais e provisórios.

2.4 INTERESSES OU CONTEÚDOS DO LAZER

Para delimitar esse tópico, vamos tomar como fundamento os estudos culturais, sob a perspectiva teórica apresentada por Escosteguy (2004, p.137). Para a autora, eles: “refletem a insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade”. Numa trama que seria a tentativa de explorar as diversidades, mesmo sendo no nosso caso, não uma disciplina e sim um fenômeno social, mas a ideia é explorá-lo para além dos limites funcionalistas. E prossegue a mesma autora (2004, p.137): “é um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea”. Portanto, o que buscamos foi explorar aspectos que não estão presentes “à primeira vista”.

Na verdade, os estudos culturais vão nos remeter a uma nova ideia, um posicionamento que coloca os sujeitos como partícipes da construção do fenômeno, pois os mesmos, não apenas se submetem e aceitam os ditames de outrem, mas, embora não se perceba a “olho nu”, temos movimentos constantes de resistência popular aos ditames e modelos propostos como únicos (ESCOSTESGUY, 2004).

Vale ainda observar aquilo que nos apresenta Corbin (2001, p.08):

Em todos os países do ocidente impõe-se no século XIX a distinção entre práticas de lazer consideradas enriquecedoras, que revelam da esfera do amadorismo, e distrações consideradas pouco respeitáveis, empobrecedoras ou demasiado ligadas ao profissionalismo. Esta tensão, de ordem ética, entre a busca do lazer <<racional>> e a do divertimento sem finalidade moral caracteriza desde cedo o debate tal como se estabeleceu além-Mancha, ao mesmo tempo que a ideologia que a valoriza o trabalho está no seu apogeu.

Há, portanto, uma gama de interpretações no que tange as possibilidades ou funcionalidades do fenômeno. A partir dessas considerações, podemos discutir a atuação no lazer partindo do uso ou das possibilidades de atividades que podem compor o seu programa numa tentativa de ampliação do alcance das linguagens presentes na intervenção de lazer. E nesse sentido, Melo e Alves Junior (2003), na tentativa de discutir linguagens/manifestações presentes nos programas de lazer, nos indicam que: “Uma classificação das atividades de lazer nos é apresentada por Jofre Dumazedier. Esse autor procura dividir de acordo com o interesse central desencadeado, aquele que motiva o indivíduo a buscar a atividade (p.39)”.

Vale, entretanto frisar que, segundo Bougle (s.d.) *apud* Dumazedier (2004, p.73): “cada sociedade possui sua estrutura, suas tradições e necessidades que impõem limites às inovações.” E, portanto, essa análise diante do contexto soteropolitano, vai encontrar uma realidade própria para o desenvolvimento de cada interesse populacional pelas atividades, bem como tipos e usos específicos encontrados na cidade.

No que tange a essa classificação, temos os interesses físicos, os artísticos, os manuais, os intelectuais e os sociais (MELO e ALVES JUNIOR, 2003). É importante frisar que é a preponderância no desenvolvimento das atividades que possibilita a classificação acima enumerada e não a definição exata do conteúdo.

Prosseguindo ainda sobre a classificação, Mascarenhas (2002, p. 18) assevera que: “a classificação mais aceita é a que distingue seis áreas fundamentais: os interesses artísticos, os intelectuais, os físicos, os manuais, os turísticos e sociais.” Acrescentando o interesse turístico a partir do estudo e proposta de outros autores. O acréscimo do interesse turístico, que segundo Gomes (2004, p.54), no Brasil, vem seguindo: “... uma sugestão do sociólogo Luis Octávio de Lima Camargo, ex-aluno de Dumazedier”.

O viés que adotaremos é do lazer para além dos interesses, embora seja importante precisar que essa construção trata de entender o lazer para um direcionamento sensível, onde seu desenvolvimento favorece um:

processo de educação estética, de educação das sensibilidades, [que] no mínimo pode permitir aos indivíduos o desenvolver o ato de julgar e criticar a partir do estabelecimento de novos olhares (mais

tolerante e multirreferenciais) acerca da vida e da realidade (MELO, 2002, p.04).

Os conteúdos do lazer se estabelecem como possíveis estimuladores de novas vivências e experiências, visando o desenvolvimento individual e coletivo e mais ainda, o aumento das possibilidades de leituras acerca das ações e atividades experimentadas. Logo, constituir o lazer a partir dos interesses pode ser um despertar de novas possibilidades e representações, um movimento de incomodo aos valores e padrões estabelecidos, quando da programação e experimentação de ações de lazer, numa abordagem que possibilite o trato de aspectos éticos e estéticos presentes nas identidades culturais de cada sujeito envolvido.

Para Melo (2009, p.06), “a racionalização de todos os setores da vida vai contrapondo cada vez mais as manifestações culturais como a esfera do fútil e o trabalho, em contraponto, gerador de renda e riqueza”. Justo por isso, o lazer, como uma ação de educação estética, se impõe como uma possibilidade de rompimento com a condição humana de refém da produtividade.

Caminhando em outra linha de raciocínio, o acesso à cultura e ao lazer, precisa ter como base o “cardápio” diverso e a opção de livre escolha, num real exercício de liberdade e como nos diz Melo (2009, p.12), um desafio que “se coloca a primeira vista, seria a sensibilização estética e a democratização da cultura erudita”.

Isso vai se dar num mundo, que almeja se modernizar concomitante com a estrutura espacial, num ritmo de democratização que não tem como fundamento, apenas o aumento do repertório de atividades, mas sim um movimento onde “Democratizar o lazer implica em democratizar o espaço” (MARCELLINO, 2006, p.66, *apud* MELO, 2009, p.13).

Então, não seria na classificação de atividades meramente pautadas na busca individual ou na democratização dos espaços, mas a partir da educação estética que aumentaríamos o leque de possibilidades, de prazeres para a vida (MELO, 2009). Esta foi uma ação da Universidade Federal da Bahia, pois à época, foi uma atitude tomada, ao menos quando da sua fundação, sob a direção do Reitor Edgard Santos, cuja compreensão se pautava, segundo Risério (2013, p.146):

...da Universidade enquanto instituição vanguardeira, inaugural, verdadeira ponta de lança da sociedade. O seu entendimento da necessidade de uma vida universitária livre e criativa, justapondo-se ao desenvolvimento econômico regional. Inovação estético-intelectual e atividades de prospecção do petróleo (que desapontavam no horizonte como possibilidade objetiva de uma redenção econômica da região) deveriam andar de mãos dadas.

Dessa maneira, é possível percebermos que a aposta numa ampliação própria do uso de interesses ou conteúdos diversos de lazer estava presente no imaginário e perspectivas do trato da cultura na nascente Universidade.

2.5 ATUAÇÃO DA UNIVERSIDADE NO LAZER.....Rotinas e/ou rupturas?

Após tantas questões e discussões, não sabemos ao certo se seria a Universidade atuante no lazer ou o lazer atuante na Universidade. Ao tratar as construções do lazer, na relação entre cultura de vivência e vivida, Dumazedier (2004, p.35), afirma que “estão sendo elaboradas transformações profundas e ambíguas no íntimo dos homens de todas as classes sociais, partindo de certas futilidades denominadas lazeres”. Cabe sinalizar que o fenômeno traz consigo um despertar de maneiras de ser sociável, de agrupar o homem, como nunca acontecera na história (DUMAZEDIER, 2004). E prossegue o mesmo autor (2004, p. 47-48): “são as organizações recreativas e educativas a forma mais original de sociabilidade desenvolvida pelo lazer (...) proliferaram em razão direta da expansão da industrialização e da urbanização.”

No caso do Brasil, há inicialmente uma apropriação festiva, como nos cita Melo e Alves Junior (2003, p.13-14):

O contexto da industrialização crescente vai inserindo no nosso país um movimento semelhante⁷. O próprio contexto de modernização da sociedade brasileira vai contribuir para tornar importante, para as cidades em crescimento, os momentos de vida festiva. Podemos identificar uma busca paulatina por espaços públicos e uma organização progressiva do mercado de diversão, inicialmente com o teatro, depois com o esporte e o cinema e, já no início do século XX, com o rádio e mais tarde com a televisão.

⁷ Referem-se Melo e Alves Junior (2003) ao movimento de organização de classes operárias lutando por redução do tempo de trabalho.

Salvador, na Bahia, que perdera o seu “lugar de destaque” para o Rio de Janeiro, tentara, mais uma vez, alcançar a tão sonhada modernidade e nesse sentido, a falta de produção de ciência e tecnologia revelava-se um entrave para a industrialização, para outra modernização, objetivo maior de um projeto de modernidade. Este sentimento soteropolitano de perda de status, de participação na sociedade é fato recorrente na capital da Bahia, já ocorrendo em outros momentos, na verdade desde a transferência da capital (ROCHA JUNIOR, 2001).

Efetivamente, como sugere Leite (2005), se:

durante o Império a Bahia foi uma província poderosa, com o avançar da República foi se tornando uma mera coadjuvante nas orquestrações políticas — ao hábito de dominar sobreveio a tendência de ser dominada, realidade que feriu duramente a orgulhosa sensibilidade das elites baianas (p.227).

Para Marques⁸ (2010, p.94), citando Baiardi (1996, p.150):

[...] o encontro entre ciência, à técnica e a indústria deu nova vida a ciência, que se transformou em fator de crescimento e importante ponto de apoio para a evolução econômica e social, enfim, para a modernização.

Pelo país, sopravam ventos de modernidade e na Bahia acreditava-se ser o caminho através do desenvolvimento da vida acadêmica, pela ciência e pela ação no cenário cultural, na Universidade.

É importante lembrar a lição de Marques (2010, p. 71) acerca da Universidade:

A sociedade colocou a Universidade como agente do progresso científico e intelectual, para o atendimento de suas necessidades. Deixou de ser o lugar exclusivo para o ensino, absorveu a pesquisa, a cultura, a extensão e o novo formato para a sua pós-graduação.

⁸ A obra prefaciada por Antonieta Nunes de Aguiar: “..originalmente como tese de doutoramento em dezembro de 2005, orientada em seu início pelo professor Filippe Perret Serpa, que também fora reitor da UFBA (de 1993 a 1998), mas concluída após o seu falecimento em novembro de 2003, este livro agora publicado traz uma narrativa vivenciada da existência da UFBA em suas diversas fases desde os primórdios, sua fundação e crescimento até contemplar os seus sessenta anos de vida. Trata-se de um exemplar trabalho de História da Educação de nível superior não só na Bahia como também – pela contextualização sempre feita – em seus inícios na Europa, nos Estado Unidos da América do Norte e em nosso país” (MARQUES, 2011, p.11).

A UFBA, para sua fundação, contou com um trabalho intenso de Edgard Santos. Este, nascido em Salvador nos idos 08 de janeiro de 1894, filho de uma família de advogados ilustres da elite baiana, se tornou médico respeitado, de renome, com circulação internacional e que sempre alimentou o desejo de levar a Bahia a outro *status*. Para tanto, assumiu a tarefa, de, a partir da criação da Universidade, fazer o estado alcançar uma modernização. (RISÉRIO, 2013)

Edgard Santos, com o apoio do Ministro de Educação – Souza Campos - teve a intenção de “promover uma reviravolta na realidade local, extraíndo-a da pasmeira provinciana, para atirá-la por inteiro nas novas realidades do Brasil e do mundo” (RISÉRIO, 2013, p.107).

Vale lembrar que este movimento se deu num processo onde Salvador vivia uma vida “cultural” com um brilho diferenciado do desejado pela sua elite e existiam exigências de mudanças nas artes plásticas, na música e na literatura brasileira, que ainda chegavam à Bahia lentamente.

Muito embora, manifestações de cinema, teatro, literatura, música e artes plásticas, embora fossem possibilidades culturais acessíveis aos baianos, a capital ainda vivia uma situação econômica desfavorável, fruto da perda de local de destaque proveniente do agronegócio falido e de uma frustrada industrialização e, como dito, nutria um saudosismo de um dito tempo áureo, mesmo que na realidade vivesse com uma estrutura falida de equipamentos e espaços para o desenvolvimento cultural.

Dessa forma, a proposta de Edgard coadunava com a que estava presente no Manifesto sobre aculturação⁹, citado por Laraia (2014, p.95-96): “...qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação”. E, se projetou na busca da transformação de um estado de cultura “provinciana” para uma cultura que se quer moderna, e prossegue o mesmo autor (2014, p.96):

mudança que é inculcada pelo contato não representa um salto de um estado estático para um dinâmico mas, antes, a passagem de

⁹ Resultado de um seminário realizado na Universidade de Stanford, em 1953, que ratifica a idéia de que o contato entre culturas, estimula uma mudança mais brusca que as ações internas mas, deixa nítido que as mudanças sempre existem pois há um estado de percepção constante das tecnologias utilizadas no cotidiano – sua eficácia ou ineficácia - mas apenas com a apresentação de uma nova tecnologia transformam-se, de maneira mais rápida, os usos, costumes e utensílios (LARAIA, 1986).

uma espécie de mudança para outra. O contato, muitas vezes, estimula a mudança mais brusca, geral e rápida do que as forças internas.

Nesse sentido, temos a criação de uma Universidade que vai caminhar na busca de uma produção cultural como princípio para a modernização de um povo e através de um processo que não foi fácil, nem simples. Sobre um processo como este, Melo e Alves Junior mostram que ao falarmos em cultura, tratamos de algo tenso, construído do diálogo e do conflito, de trocas, manipulações e embates (2003).

Assim, entendendo que lazer é uma produção humana. Estes autores (2003), pensando o tema numa forma ampla e que deve englobar diversos interesses humanos, suas diversas linguagens e manifestações indicam a perspectiva estética de sua abordagem, onde possa haver um investimento no sentido de contribuir com as sensibilidades por entender a partir do filósofo alemão, Friedrich Schiller, que :

... educação estética é imprescindível à construção de uma nova ordem política, notadamente por se tratar de dar ao belo o lugar que merece na organização humana, na sociedade. Para o autor, a educação de sensibilidade é premente e necessária, sendo dimensão fundamental para tornar o conhecimento mais eficaz, como também para chamar à atenção para a necessidade da eficácia (MELO e ALVES JUNIOR, 2003, p.65).

É interessante e importante observar que os autores (2003, p.65) não se prendem “à arte e ao belo” há uma busca por conhecer o sensível e fomentar as suas formas de manifestação, numa relação aberta com olhares “... mais tolerantes e multirreferenciais – sobre a vida e a realidade...” (2003, p.66).

Vale ainda observar que cotidianamente colocamos nossos modelos estéticos em ação, nas tomadas de decisões e escolhas, mas, de maneira tão natural, na emissão de conceitos e julgamentos por tudo que permeia nossas produções.

Como exemplo desse processo de aprendizado estético envolvendo a Universidade, temos a notícia do Jornal *A Tarde*¹⁰, sob o título Valores novos da arte baiana, relatando a escultura de autoria do santamarense Manuel Bonfim:

¹⁰ *A Tarde*, Salvador, 27 de julho, p.02.

...é um artista de grande sensibilidade e maneja com habilidade o seu material de trabalho. Dele se pode dizer que é um auto-didata, tendo cursado a Escola de Belas Artes apenas durante um curto período, onde adquiriu alguns conhecimentos técnicos, com os quais dá expansão ao seu talento artístico.

A notícia apresenta uma sensibilidade própria do artista e, um processo de aprendizado que garantiu a esse a expansão dessa percepção estética, a partir de uma formação acadêmica, promovida no campo das artes da Universidade.

Dessa forma, num movimento artístico cultural o sonho de Edgard vai a busca de uma projeção de modernidade, encontrando no lazer, em suas práticas artísticas, entendida como esteio para o crescimento intelectual da sociedade da Bahia. As relações entre o lazer e as ações cotidianas, de certa forma, promoveram uma reorganização dos espaços, das pessoas e da própria sociedade, adotando e apresentando olhares estéticos diferenciados rumo a um viés desejado de condição humana e modelo de desenvolvimento social almejado pela elite soteropolitana.

O período fruto desse trabalho nos brinda com um “estágio de preparação” e de adoção por Salvador de outro “ideal de modernidade” que traz consigo a busca por uma transformação estrutural, cultural, acadêmica enfim, uma adequação da cidade aos modelos externos - Rio de Janeiro e Europa - na busca de recuperar seu “brilho perdido”. É importante sinalizar que o lazer enquanto fenômeno não permeava a realidade do soteropolitano da época, mas sim atividades que guardavam extrema relação com o fenômeno ampliando o repertório cultural e artístico dos baianos por um lado e por outro a crescente luta, sobretudo dos estudantes, pela garantia de acesso a essas manifestações.

3 ROTINAS NA CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO CULTURAL SOTEROPOLITANO

3.1 A CIDADE DA BAHIA E A UNIVERSIDADE

Compreender o advento de uma nova ideia de modernidade, advindo das relações entre Universidade e cidade e mais, suas repercussões no solo soteropolitano, implica uma série de análises. Iniciaremos isso a partir do contexto político, seguindo rumo aos demais setores sociais, na tentativa de explicar as relações de cotidianidade da cidade e as perspectivas de desenvolvimento acadêmico e cultural, buscando perceber, nesse percurso, o lugar da cultura, dos patrimônios e demais produções na cidade, numa reflexão sobre o contexto e circunstâncias que marcaram a Salvador a época.

Nesse sentido, antes mesmo de descrever a ideia de cidade e modernidade, cabe apresentar matéria do jornal *A Tarde*¹¹, de autoria de Rômulo Almeida, sob o título *Universidades Regionais*, nos apresentando o sentido e significado das Universidades:

.... Universidade não é ornamento que a União conceda atendendo á influência política dos centros que a reclamam, ou que procura montar, com algum recurso de que dispuser, para honra e dignidade, se não quisermos dizer, para cartaz e farol do país, ou simplesmente aos seus instituidores. Universidade é centro vivo de pesquisas, de pensamento de criação, e de transmissão de conhecimento, indispensável a um sistema escolar, bem como ao desenvolvimento da economia e da cultura política. É um órgão de revelação da vida regional, de fixação, e de representação, de governo (...). A Universidade cumpre não apenas formar os clássicos profissionais (direito, medicina, engenharia) e os candidatos a modernas profissões superiores, mas preparar quadros do professorado secundário e primário, realizar estudos e pesquisas originais ligados mais diretamente aos cursos e estudos post-graduados, e ainda uma obra de divulgação e assistência científica á economia e á administração. Ela visa a formação do homem, a valorização do capital humano, mas essa formação e esta valorização do mais poderoso dos fatores da produção não é indiferente às coordenadas de um determinado meio geográfico e histórico.

¹¹ *A Tarde*, Salvador, 11/07/1946, p.3.

A partir deste texto fica nítida a percepção ampliada que ocupa no imaginário de alguns intelectuais da época, essa Instituição de cunho formativo. Cabe agora explanarmos acerca da relação que guarda a modernidade e a cidade com esse imaginário ou ideal de vida social.

É importante indicar que, não se trata de uma fácil tarefa, a percepção acerca do moderno. Sobre isto, LeGoff (2000, p. 141) apresenta que:

O par antigo/moderno está ligado à história do Ocidente, embora se possa encontrar equivalentes noutras civilizações e noutras historiografias. Do século V ao século XIX, marcou uma oposição cultural que, no fim da Idade Média e durante o Iluminismo, irrompeu na ribalta da cena intelectual. Em meados do século XIX transforma-se com o aparecimento do conceito de <<modernidade>>, reacção ambígua da cultura à agressão do mundo industrial. Na segunda metade do século XX generaliza-se no Ocidente, ao mesmo tempo em que é introduzido noutros locais, principalmente no Terceiro Mundo, graças à ideia de <<modernização>>, nascida do contato com o Ocidente.

Dessa forma, há que se cuidar acerca do uso do termo, pois ele apresenta uma construção que permanece no tempo ocupando conceitos diferentes, com a utilização da mesma palavra ou grafia.

Talvez o fato mais marcante e que vai fazer com que a modernização alcance todos os países ou a maioria deles, numa ação de adoção do termo numa negação das práticas anteriores, seja o caso dos índios da América¹² que fez com que:

Quase todas as nações atrasadas se viram perante a necessidade de escolher em ter modernização e ocidentalização e o problema do moderno foi colocado paralelamente ao da identidade nacional. Um pouco por toda parte distinguiu-se, por um lado, a modernização econômica e técnica, por outro, a modernização social e cultural (LE GOFF, 2000, p. 157)

Dessa forma, é necessário considerar que a cidade aglomera uma série de signos e significados, envoltos num constante processo de possibilidades, onde

¹² Le Goff (2000,p. 157) O primeiro embate total entre o antigo e o moderno talvez tenha sido o dos índios da América com os europeus. As consequências foram claras: os índios foram vencidos, conquistados, destruídos e assimilados; raramente as várias formas de imperialismo e colonialismo, do século XIX aos primeiros anos do século XX, tiveram efeitos tão radicais. As nações colonizadas pelo imperialismo ocidental, embora tendo mais ou menos preservado a sua independência, foram forçadas a ver o problema do seu atraso em certos campos. A descolonização, após a II Guerra Mundial, provocou que as novas nações tivessem de abordar ainda este problema.

tensões e concessões cotidianas constroem o modelo de moderno. Nesse sentido e relacionando com a ideia de cidade, Choay (1996, p.09) fala que a:

...cidade continua a designar o lugar ou o suporte estático de uma tripla comunicação concernindo à troca de bens, informações e afetos. Ela continua concebida como a união indissociável entre aquilo que os romanos chamavam *urbs* (território físico da cidade) e *civitas* (comunidade dos cidadãos que a habitam) ou, ainda, como o pertencimento recíproco entre uma entidade espacial discreta e fixa e uma população.

Com isso, a consolidação do moderno e modernidade na construção social é alicerçada numa cidade que reconhece suas diferenças e vive uma dinâmica que vai, com o advento do urbano¹³, desfazer a solidariedade entre o fixo e o “humano”.

Numa nítida relação entre a *urbis* e a *civitas*, cabe lembrar que além da percepção dos ideais franceses como fomentadores do processo de modernização, a Inglaterra e seu iluminismo, foram também importantes. Nesse sentido, Melo (2010, p.22) afirma que: “os desdobramentos da Revolução Gloriosa colocariam a Inglaterra na ponta de lança do progresso nos séculos XVIII e XIX.” E prossegue o mesmo autor (p.22):

Observa-se a gestação de novos estilos de sociabilidade relacionados a uma nova conformação do espaço urbano, ao fortalecimento de um mercado consumidor (que tem impactos nas práticas de entretenimento), à valorização da iniciativa e da propriedade privadas, do acúmulo de riquezas, da busca de instrução e conhecimento.

Trata-se de uma mudança na forma de perceber o ser e estar no mundo. Em verdade, existe uma série de articulações que promovem as mudanças. Segundo Secchi (2009, p. 18), “muitos fenômenos são fundamentalmente sobre determinados, ou seja, eles são o resultado de um número desmesurado de causas concorrentes. Entre essas, as transformações da cidade e do território.” Portanto, há um entrelaçamento de fatores estruturais, sociais e políticos, responsáveis pelas transformações no mundo moderno. Nesse processo, o desenvolvimento

¹³ Sistema operatório, válido e passível de desenvolvimento em todos os lugares, nas cidades como nos campos, nas aldeias como nos subúrbios (CHOAY, 1996, p.18).

tecnológico e a necessidade de mão de obra, somados aos ideais iluministas, vão favorecer o processo de modernização.

É certo também que embora a ideia de lazer, desde a segunda metade do século XVIII tenha ocupado os ideais europeus, numa nítida transformação ou busca de transformação dos “recém” criados espaços de circulação e vida da *urbis*, o uso dessa palavra não se encontra presente nos cenários da Salvador a época desse estudo, embora traços, atividades e características do mesmo permeiem a realidade soteropolitana.

Tal compreensão pode ser vista no *A Tarde*¹⁴, na matéria de nome: O baiano veraneia sem sair da capital. Nela se afirmava que

Domingo passado, a máquina fotográfica da “A TARDE” andou colhendo pelas nossas praias os instantâneos que acima estampamos. Essas cenas se reproduzindo domingo, quando, mais uma vez a população procurará, a vizinhança ao mar, veraneando, nas suas férias de um dia por semana.

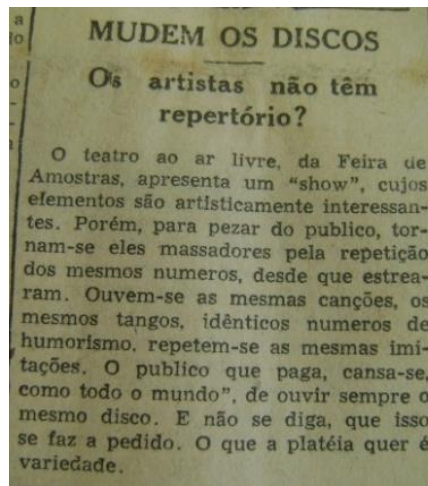


Nesta matéria, saltam aos olhos o uso da praia e a consequente exposição corporal, fatos ainda não tão comuns à época.

¹⁴ *A Tarde*, Salvador, 01/02/1945, p.2.

Ainda nesta mesma matéria é possível ver uma relação onde o Rio de Janeiro (capital) seguia a Europa e Salvador, o Rio de Janeiro. Assim, a construção de uma ideia do moderno, passava por mudanças de hábitos e novas formas de se relacionar com a cidade da Bahia e isto em qualquer estrato da população, seja “o doutor ou o operário, a granfina e a caixeirinha”¹⁵.

Também as diversas outras práticas culturais permeavam a vida da cidade anteriormente à criação da Universidade Federal da Bahia. As questões e posicionamentos que são levantadas - por um determinado estrato social, a elite baiana - residem no fato de que estas atividades “não contribuem” para esse novo ideal de modernidade uma vez que essa produção é repetitiva, sem variedade, como nos apresenta o *A Tarde*¹⁶, com o título de “Mudem o disco”:



Nesse movimento de compreensão do cenário soteropolitano, temos de sinalizar a existência de uma vida artística cultural “Pré-UFBA”, um mundo artístico e cultural com o desenvolvimento de múltiplas linguagens.

Também apresenta a Salvador de época uma construção festiva constante, num misto de religioso e profano, retratado no periódico *A Tarde*. São constantes as representações e notícias em torno da segunda-feira do Bonfim, dos gritos e festejos do carnaval, das festas “joaninas”....

¹⁵ *A Tarde*, Salvador, 01/02/1945, p.2.

¹⁶ *A Tarde*, Salvador, 03/02/1945, p.8.

As instituições particulares, também ocuparam um local de destaque, normalmente constituindo-se como atividades preparatórias para os exames de acesso a escolarização formal, como a escola de música Santa Cecília¹⁷:



Um nítido “campo cultural” focado nas artes visuais, utilização de espaços, artes musicais, artes plásticas, compõem o repertório artístico cultural da Salvador no lapso temporal próximo a fundação da Universidade Federal da Bahia. Cinema, música, teatro, frequência a praias, demonstram características de um estado latente do fenômeno lazer na sociedade soteropolitana, bem como uma vasta teia de “atividades artístico-culturais”.

Num nítido movimento de mudança, com várias provocações para seu acontecimento, segundo Secchi (2009), durante o século XX se estabeleceu três momentos, que se complementam, na construção do moderno. Um primeiro, voltado à crítica da cidade do século XIX; um segundo, onde mudanças de imaginário e práticas construtivas se transformaram e, um terceiro, onde o indivíduo e suas aspirações são o centro do debate. A partir dessa construção, podemos entender também o cenário em Salvador.

No que tange às críticas, o primeiro momento, as notícias que relatavam a criação da Universidade, a indicavam ora como uma “aspiração da cultura bahiana”¹⁸, ora como “emancipação e engrandecimento do ensino da Bahia”¹⁹.

¹⁷ *A Tarde*, Salvador, 19/01/1945, p.7.

¹⁸ *A Tarde*, Salvador, 03/04/1946, p.3 - A Universidade da Bahia.

Ainda, vimos matérias que a apresentavam como a grande Instituição capaz de dotar a Bahia de uma cultura.

A Bahia – tantas vezes o repetimos – tem nas suas paisagens históricas os traços necessários para ser a Coimbra americana. Mas é indispensável que se convença desse destino. As forças econômicas se distinguem pela auto-propulsão. Fazem-se por si. A riqueza material é as vezes mais considerada porque abandonada às diligências da iniciativa particular: tanto delas se desinteresse o Estado, tanto prosperam, solicitadas pelas leis inexoráveis da procura, da seleção, da oferta. Bem fazem os poderes públicos em socorrê-las. Mas, aí, deles se absorvidos pelas preocupações fiscais, deixarem de lado as cousas imponderáveis e ilustres da inteligência, que se ligam ao destino do povo e ao futuro e à glória da terra! A cultura é como a educação em todos os seus graus, um dever do Estado. Mas esse dever exige assídua e pródiga assistência. Gastar para o ensino é entesostrar²⁰.

É importante compreender também que as transformações foram sucessivas e que planos diferentes atuaram recepcionando modos genéricos, mas concomitantemente se apropriando das questões locais. Nesse sentido, Secchi (2009, p. 25) indica que:

A cidade sempre foi construída por atores concretos, portadores de interesses, cultura e imaginários específicos. A cada vez eles encontram condições locais específicas e conjunturas históricas específicas (...) o papel dos romances, do cinema, da poesia e da música, das representações que constroem as várias imagens da cidade, é aquele de nos tornar prevenidos em relação às excessivas generalizações. O que não evita reconhecimento, ao longo do século, de algumas tendências que, como ondas sonoras, se propagaram refletidas e refratadas nas situações locais e nas diversas conjunturas.

Devemos observar, que, embora, acha-se na cidade essa tendência de aglutinar interesses diferentes, as tensões foram inevitáveis e, nesse sentido, Gomes (s.d., p.07) afirma:

Mawson defende a ideia de que cada cidade possui sua própria individualidade e caráter e o que a *townplanner* deve saber reconhece-los, pois, uma vez perdidos, não poderiam mais ser “ressuscitados”. Na prática, porém, a tentativa de contemplar os

¹⁹ A *Tarde*, Salvador, 09/04/1946, p. 2 - A Universidade da Bahia.

²⁰ A *Tarde*, Salvador, 13/04/1946, p.3 - A Universidade um ideal.

ditames da técnica com os requisitos estéticos acaba criando zonas de tensão.

A partir daí, Florence (2010, p.18) sinaliza que “experimentamos uma complexa dinâmica histórica de constituição de diferentes modos de vida urbanos, em decorrência da diversidade cultural nacional”. Um exemplo dessa diversidade se constrói a partir da fala das irmãs Zelita e Margarida Valente, pianistas bahianas, após turnê artística ao norte do país²¹:

As consagradas pianistas conterrâneas foram muito aplaudidas pela crítica artística das capitais do norte, onde elevaram o renome artístico da Bahia. Em palestra com a reportagem de “A TARDE”, mostraram-se encantadas e agradecidas com a acolhida que receberam nas cidades percorridas, lamentando apenas que na Bahia ainda não haja um teatro, falta que não notaram em qualquer das aludidas cidades.

Há nessa fala, a percepção clara de uma Bahia que se pretende vanguarda, mas que na sua realidade, está aquém de outras cidades do Brasil, - e de um modelo específico de “desenvolvimento” - ao menos no âmbito da estrutura de suporte para o desenvolvimento do mundo artístico cultural.

Em outra reportagem do Jornal *A Tarde*²², intitulada: “O que poderá realizar o teatro de estudantes da Bahia”. Onde há um indicativo da necessidade do ressurgimento do teatro de estudantes da Bahia tendo como base o apelo ao:

...Governo que se inicia do Dr. Guilherme Marback a quem hoje estão confiados os destinos deste grande Estado, a ele que não negará jamais estou bem certo, de auxiliar qualquer iniciativa neste sentido, pois, como bahiano amante de sua terra, espírito progressista, educado nos mais salutares princípios sociais, nos inspira, a todos nós, inteira confiança.

Ele não poderá ser indiferente a essa degradação da arte; a ele particularmente dirijo agora, meu palpitante apelo de brasileiro e bahiano, em nome das gloriosas tradições desta terra, que é também o vosso caricioso berço; em nome da Bahia intelectual, da Bahia artística, da Bahia culta, peço, não acompanhaes nesse caminho os passos dos últimos extintos Govêrnos ditatoriais contrários a beleza da arte lírico-dramática. (entrevista do Dr. Durval Guedes)

²¹ *A Tarde*, Salvador, 04/05/1946, p.5 - Artes & Artistas.

²² *A Tarde*, Salvador, 08/05/1946, p.4.

Assim, prosseguindo com as análises é necessário compreender a conjuntura vivida pela cidade da Bahia²³, no período previsto pelo nosso estudo, situando os acontecimentos e as relações entre sujeitos, ideologias e Instituições.

3.2 A CIDADE E SEU MOMENTO (1945-1955)

Salvador e a Bahia, que a entrada do século XX encontrava-se: “em termos políticos e econômicos, entre as principais unidades constitutivas da jovem nação brasileira...” (RISÉRIO, 2004, p.456), apresenta-se, quando dos esforços em criar a Universidade, segundo Risério, em outra obra (2013, p.141): “... Inteiramente paralisada em diversas dimensões da sua vida. Vivia-se o declínio final de uma economia agroexportadora e a frustração de um projeto industrialista.” Portanto, segundo o autor, Salvador estava estática no seu crescimento e distante de um processo civilizatório ou capaz de acompanhar esse processo que envolvia o mundo – a modernidade.

O recorte temporal no qual focamos o nosso estudo abrange o período onde outro movimento e ideário de modernização ocupava o nosso país e o mundo como um todo. Aprofundando esse entendimento, estabelece-se uma série de características próprias ao movimento. Segundo Le Goff (1996, p.161):

A modernidade é o resultado ideológico do modernismo. Mas – ideologia do inacabado, da dúvida e da crítica – a modernidade é também impulso para a criação, com uma ruptura declarada com todas as ideologias e teorias da imitação.

A Salvador, dos anos quarenta e cinquenta vivia o período da segunda guerra mundial, que de acordo com Sampaio (1995, s.p.) “abalou os alicerces da civilização europeia”. Embora inicialmente, a Bahia estivesse distante do conflito, posteriormente, a população foi mobilizada e muitos baianos foram para a guerra. Para, além disso, a cidade se viu envolta em um sentimento onde a Grande Guerra impactava o cotidiano, o comportamento das pessoas, fato que também se deu na primeira (ROCHA JUNIOR, 2011).

²³ Como já visto, forma recorrente de tratar a cidade do Salvador.

Prossegue ainda Sampaio (1995, *s.p.*) indicando que, para além das questões mundiais, embora sejam diretamente influenciadas por ela:

é preciso não esquecer que os anos do Estado Novo foram de grande instabilidade política, o que se compreende, posto que, despojadas dos canais institucionais de manifestação, as forças vivas da sociedade foram contidas à força. Mas represadas, permaneceram em ebulição. Antes da Guerra terminar, as constantes manifestações populares, em prol dos Aliados e da Força Expedicionária Brasileira, provocaram fissuras no bloco repressor, dando passagem à almejada democratização do país.

Havia também no país, nesse momento, o crescimento de um sentimento patriótico concomitante ao sentimento de liberdade e redemocratização:

Indiretamente, através do verbo falado e escrito, das obrigações de guerra, de doações espontâneas, de campanhas como a dos metais e a da borracha, da confecção de meias e agasalhos de lã, o baiano participou da guerra. Diretamente, lutando nos campos de batalha, contribuiu para a vitória dos Aliados. Mobilizando a população, através de desfiles e comícios plenos de fervor patriótico, deu expansão à liberdade reprimida, abrindo caminho para o ansiado processo de democratização, que coroou o fim da Segunda Guerra Mundial, pondo fim a oito anos de cruenta ditadura (SAMPAIO, 1985, *s.p.*).

Durante o período do regime político denominado Estado Novo, um Decreto-Lei presidencial vai ser uma importante tomada de atitude, que vai agir diretamente sobre o objeto desse estudo:

27.12.1939 - O presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas (RS), expede o Decreto-Lei nº 1.915, que "cria o Departamento de Imprensa e Propaganda e dá outras providências". O DIP fica diretamente subordinado ao presidente da República e tem, entre outros encargos, o de centralizar e coordenar a propaganda nacional, interna e externa, e servir como elemento auxiliar de informação dos ministérios e entidades públicas e privadas; organizar os serviços de turismo, interno e externo; fazer a censura do teatro, do cinema, das funções recreativas e esportivas, da radiodifusão, da literatura social e política e da imprensa; estimular a produção de filmes educativos nacionais e classificá-los para a concessão de prêmios e favores; colaborar com a imprensa estrangeira para evitar a divulgação de informações nocivas ao país; promover, organizar e patrocinar manifestações cívicas e festas populares com intuito patriótico, educativo ou de propaganda turística, assim como exposições demonstrativas das atividades do governo, e organizar e dirigir o programa de radiodifusão oficial do Governo. A direção geral do novo

departamento é entregue ao jornalista Lourival Fontes (SE), que já havia dirigido o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC) entre 1934 e 1937 e que no ano seguinte transformou-se no Departamento Nacional de Propaganda.

Dessa forma, temos de 1930 a 1945, a chamada Era Vargas que governou através de decreto-lei. Implantou-se no Governo de Getúlio um período de modernização do estado, das leis e das instituições, num processo de “desenvolvimento dirigido²⁴” do Governo que se finaliza em:

29.10.1945 O presidente da República, Getúlio Dornelles Vargas (RS), é deposto pelas Forças Armadas, sob a liderança do ministro da Guerra, general-de-divisão Eurico Gaspar Dutra (MT), com o apoio de grande parte do povo brasileiro. Sucede-lhe no cargo, para o governo de transição, o presidente do Supremo Tribunal Federal, Dr. José Linhares (CE), que vai exercer a chefia do Poder Executivo até o dia **31 de janeiro de 1946** (BRASIL, s.d,s.p.)

Com isto, se finda o modo de governo cuja maneira de interferência nas atividades sociais, segundo Melo (2009, p.21), citando Silva (2007, p.11-36), tem: “três tristes tradições – ausência, instabilidade e autoritarismo - que definem o panorama geral e o *modus operandi* dos governos brasileiros no tocante às políticas públicas de cultura”.

Nesse ínterim, forças que permaneciam em estado de “hibernação” promovem lutas no sentido de redemocratizar o país conduzindo a “luta pelo retorno do Brasil ao regime político republicano democrático representativo” (TAVARES, 2001, p.433).

Entretanto, características específicas do município, o colocava em um ritmo diferenciado, como nos informa Uzêda (2006, p.24):

observamos que Salvador não tinha sido dominada pela modernidade cultural, pois não conhecia o ensino universitário, ainda que, desde 1832, possuísse a Faculdade de Medicina que juntamente com o Rio de Janeiro formaram as duas primeiras faculdades médicas do país. Em 1891, nascia a Faculdade Livre de Direito, período que se formou também a Fundação Politécnica que deu origem à Faculdade de Engenharia da Bahia. A primeira

²⁴ Termo utilizado por Silva (2001), citado por Cruz Melo (2009), na dissertação de mestrado “Cinema é mais do que filme”: a história do cinema baiano através das jornadas de cinema da Bahia dos anos 70, indicando a forma como as expressões culturais eram controladas pelo estado ditador de maneira constante.

universidade do Estado da Bahia só nasceu em 1946, a partir da aglutinação das faculdades pré-existentes e entre elas, a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, criada em junho de 1941, que veio a constituir a Universidade da Bahia, hoje Universidade Federal da Bahia.

A ideia de modernidade apresentada acredita que a Universidade e com ela a cultura erudita, são as ferramentas para livrar a cidade do provinciano da cultura popular, num nítido trato pejorativo das produções existentes na cidade. Vale, entretanto, salientar que, muito embora, a visão e desenvolvimento de uma cultura acadêmica, não permeassem o principal imaginário e realidade dos baianos, as ações no âmbito da arte (nas suas diversas manifestações) e cultura popular, tinham um espaço reservado nas produções do município, criadas e mantidas por grupos populares e em outros momentos por um processo estudantil de desenvolvimento dessas ações que “visavam um processo de educação popular”²⁵.

Nesta matéria, a UEB (União dos Estudantes da Bahia) além de provocar uma série de questionamentos sociais, buscava promover ações artísticas:

A União dos estudantes da Bahia está organizando, para o mês de Março, o 1º Salão Universitário de Arte, no qual vão expor jovens pintores e desenhistas universitários” (manchete – telegrama ao Gen. Góis Monteiro – vem á Bahia o Sociólogo Caio Prado Junior – Salão Universitário de Arte – Campanha de Educação Popular” bem como, toda uma série de exposições, tertúlias, concertos e peças teatrais “para honra da Bahia.

Um sentimento nostálgico ocupou os baianos que lutaram para construir uma nova realidade de crescimento, acompanhando o movimento moderno e seu desenvolvimento. Segundo Oliveira (1999, p.17):

A partir da década de 40 as artes e a arquitetura irão receber maior impulso em Salvador, com apoio de uma poderosa oligarquia local, fundada sobre o capital bancário e a circulação de excedentes produzidos pelo tabaco, pelo açúcar e, mais recentemente, pelo cacau. A Bahia, que havia ficado de fora na primeira investida industrialista, modernizadora, queria finalmente dar o salto.

Logo, embasado na crença do novo, segundo Gomes (s.d. p.12): “o Movimento Moderno se investe com a construção de um novo mundo, de um novo

²⁵ A *Tarde*, Salvador, 06/02/1945, p.5.

tempo e de uma nova cultura”. Assim, também a cidade da Bahia tentava entrar nessa onda²⁶, que trouxe transformações, frutos de uma necessidade de adequação:

sucessiva e progressivamente, a cidade se exprimiu mediante uma utilização mais intensa do espaço urbano, com a substituição de funções e papéis consolidados no tempo, com novos papéis e novas funções e com uma extraordinária aceleração de cada movimento. A arquitetura da cidade tentou representar a nova situação (SECCHI, 2009, p. 35).

Apesar desse “novo sentido”, as ações de transformação nem sempre eram concluídas, num constante enfrentamento entre o “desejo” e sentimento de busca de um afastamento “provinciano”, presente no ideal de modernidade e as reais condições socioeconômicas e de um planejamento, que desse conta da objetividade dessa realização.

Nesse sentido, Gomes (1979, p169) *apud* Borges (2012. P. 57) indica que “É que a Bahia, por suas origens, por suas tradições, por seu apego ao passado, mas principalmente por suas vinculações históricas, tendeu a constituir-se num bastião do conservadorismo.”

Tal situação é noticiada, no *A Tarde*²⁷, com o título “INTERESSES DA CIDADE: o alargamento da ladeira da montanha”.

Havia um plano quando prefeito da capital o eng^o Julio Brandão, no sentido de ser alargada a ladeira da montanha, por meio de obras de cimento armado, com o fim de facilitar o transito na movimentada via pública. Esse interessante plano ficou no esquecimento, como acontece com muita cousa útil para o progresso da cidade. Agora esta sendo permitida a reconstrução de casas, naquela ladeira, prejudicando, assim, o projeto em apreço, cuja execução seria realmente útil.

²⁶ Vale, entretanto salientar que essa busca, por mais intensa que possa se processar nesse momento, já tinha raízes anteriores como podemos constatar no tópico **Apelo ao governador** em Boccanera Junior (2008, p.222-223): “O adiantamento civilizador de um estado não consiste só em suntuosas construções arquitetônicas e belas avenidas, mas, principalmente, no seu progresso artístico, sem o qual não há civilização digna desse nome, ao qual muito depende a grandeza de um povo, como no-lo demonstra a história de todas as nações cultas, desde a mais remota Era.”

²⁷ *A Tarde*, Salvador, 07/01/1946, p.3.

Insta frisar, que mais que um simples “conservadorismo” ou “provincianismo” havia uma decadência econômica na cidade da Bahia, o que inviabilizava a maioria dos planos para o atendimento do alcance áureo baiano. Na verdade:

Ao atingir seu quarto século de fundação, a cidade do Salvador (e toda a Bahia) encontrava-se em uma espécie de letargia, e podia se perceber, pelos resultados, em números, de uma rápida análise histórica, a a situação de estagnação e decadência de sua economia. A virada da primeira para a segunda metade do século XX vai representar o marco inicial da construção e implementação de um projeto que visava inserir a Bahia e sua capital dentro do capitalismo brasileiro (BORGES, 2012, p.27).

Esta linha de raciocínio acabava por criar um sentido de contraste uma vez que se acreditava ou buscava-se fortalecer a condição de vanguarda brasileira própria ao estado da Bahia, o que Mangabeira veio a chamar de enigma baiano²⁸. Vale ainda sinalizar que, “os olhares” no país se voltavam ao Rio de Janeiro e São Paulo, por causa do processo de industrialização do país e que essas cidades “procuravam mão de obra barata. Ela procura nos migrantes nordestinos, os milhares de baianos, sergipanos, alagoanos, pernambucanos, paraibanos e cearenses que migraram para os estados do sul nos fins dos anos 1930 e 1940” (TAVARES, 2001, p.428). Tínhamos um desejo baiano, com movimentos contrários internos, uma condição socioeconômica interna desfavorável e uma preocupação principal com os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, cenário controverso e difícil para o desenvolvimento desse “ideal de modernidade baiana”.

Muito embora, economicamente o cenário fosse desfavorável, no que tange ao sentido cultural, a cidade vivia uma crescente onda de acesso aos clubes sociais – acessíveis e frequentados pela elite baiana - que se apresentavam juntamente com outras instituições sociais, como espaços para diversão como os “Ternos da Pastorinha” e “Ternos das Flores” no Clube Fantoches, festejos também no “late Clube”, no “Cruzeiro da Vitória”. Essas festas versavam juntamente com os festejos de rua, num misto de sagrado e profano, que se alargavam pela cidade em festejos

²⁸ Borges (2012, p.28) apresenta uma fala de Mangabeira onde o mesmo não compreendia “...porque razão a Bahia, cujas qualidades e riquezas eram, em geral, tão celebradas, se mantinha, todavia, em condições de progresso indiscutivelmente inferior ao que resultaria, em boa lógica, de semelhante conceito, assim tivesse ele a procedência que se lhe atribuía. (MANGABEIRA, 1982, p.100).

temáticos e de época, como podemos citar os “ternos de reis”, que aconteciam principalmente na Lapinha, Fazenda Garcia, Ribeira (No clube de regatas de Itapagipe), Tororó, Penha, Brotas²⁹. O ritmo era constante nos festejos e atrações culturais, logo após os festejos de Reis a cidade já se preparava para o Bonfim³⁰.

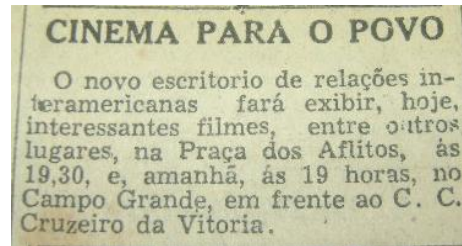


Portanto, a ambiência artístico-festiva e cultural da cidade da Bahia contava, nesse momento de busca por um ideal de modernidade, com um repertório de atividades diversas de cunho popular, aliava-se a estes festejos a crescente expansão do cinema, já presente em suas salas e também em tentativas de popularização dessa “arte”³¹.

²⁹ *A Tarde*, Salvador, 07/01/1946, p.2.

³⁰ *A Tarde*, Salvador, 08/01/1946, p.2 – NA QUADRA DAS FESTAS TRADICIONAIS.

³¹ *A Tarde*, Salvador, 16/01/1946, p.2.



Além das representações culturais apresentadas acima, também permeava a cidade as exposições de pintura, o teatro, concertos, enfim, um universo de produção. A cidade estava envolta num misto de ações que representavam o contexto de conflitos mundiais, redemocratização, modernização e tradicionalismo na “cidade da Bahia”

Mas afinal, em que sentido, essas representações ou misto de formatos, desejos, e ideias anunciavam, de fato, um ideal de modernidade? Como se construiria uma “cidade moderna” que acompanhasse os “ditames europeus”, frente a essa diversidade?

Segundo observações de Melo (2009), a noção de modernismo se caracteriza historicamente por alguns elementos, que são:

- 1) pela resistência ao academicismo nas artes, indissociável de aspectos pré-capitalistas na cultura e na política, em que as classes aristocráticas e latifundiárias dariam o tom; 2) pela emergência de novas invenções industriais e de impacto na vida cotidiana, geradora de esperanças libertárias no avanço tecnológico; e 3) pela ‘proximidade imaginativa da revolução social’, fosse ela mais ‘genuína e radicalmente capitalista’ ou socialista (p.27).

Nesse sentido, a Bahia tinha não uma resistência ao academicismo, mas sim um sentimento, um desejo do “uso da cultura” pela academia, como forma de promover a redenção das massas - uma crença que coaduna com um ideal, divulgado e promovido por grupos específicos da cidade, que além de descartar as produções locais ou as perceber como negativas vê, no que é externo, um modelo de desenvolvimento, civilização e modernização.

Nessa mesma época, o crescimento e o desenvolvimento industrial, pela via do petróleo, era um grande fenômeno que provocava o crescimento tecnológico, muito embora os olhares ainda se direcionassem para o crescente processo de

industrialização de São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, havia um nítido movimento, provocado principalmente pela “elite” baiana, que se incomodava com a “perda do papel de destaque”. Na Bahia de então, o movimento se diferenciava de outros exemplos, ao menos quando consideramos as análises do autor (MELO, 2009).

De fato, é importante frisar que na Bahia o movimento que traduzia o ideal de modernidade sofreu resistências de alguns intelectuais, rupturas se estabeleciam num misto de conservadorismo e modernismo:

A cidade que resistiu à modernização econômica foi também o espaço de resistência às novas formas de sociabilidade. Cidade que procura manter e conservar a ordem familiar, a tradição religiosa e a religiosidade, o padrão de chefia oligárquico que era uma marca da Bahia e de sua capital. A lenta alfabetização da população soteropolitana e a pequena difusão da indústria cultural são elementos que favoreciam a não incorporação de novos valores, já presentes nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, estruturando uma relação social conservadora e tradicional (UZÊDA, 2006, p.67).

Vale observar que as aproximações dos ideais do além mar foram “em primeiro momento”, incorporados de forma obrigatória, numa relação, por um lado, de desejo (incentivada por alguns grupos e veículos de comunicação) e por outro, de negação. Nesse sentido prossegue o mesmo (UZÊDA, 2006, p.68), indicando que os primeiros passos do modernismo baiano se estabeleceram provocados pela:

....chegada das máquinas, dos automóveis, bondes e navios de grande calado, acompanhados da fábrica dos sonhos, materializados nos cinemas, obrigaram as classes sociais, o poder público, os órgãos de imprensa, os intelectuais a refletirem sobre as condições da urbe soteropolitana e querer mudar a cidade de Tomé de Souza.

No *A Tarde*³² encontramos matéria que abordava a literatura. Nela, se afirmava que foi na Bahia que primeiro se estabeleceu uma revista literária. Aqui vemos uma clara tentativa de criar uma noção vanguardista da cidade, tentando dar a ela aquele que fora seu lugar.

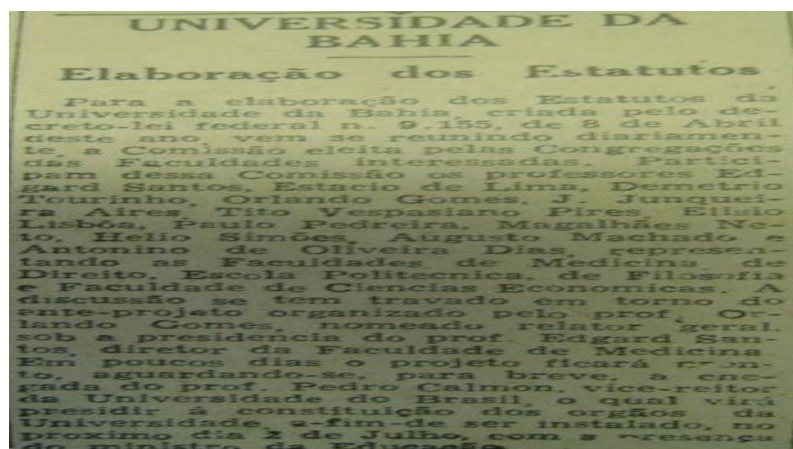
³² *A Tarde*, Salvador, 19/01/1946, p.8.



Tal expressão foi o pontapé inicial para o modernismo na cultura e só alcançando outras artes nos meados da década de quarenta, junto com a ideia de Universidade, como nos indica Oliveira (1999, p.12):

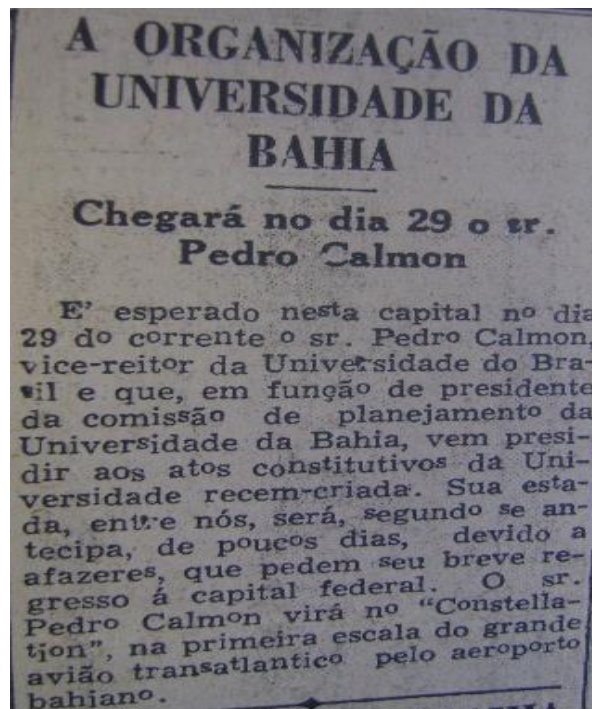
Este primeiro momento iniciado em finais da década de 20 desenvolve-se, sobretudo, em torno à literatura local e praticamente não afeta as demais artes. Vários autores, no entanto, consideram a existência de um segundo momento "modernista" na Bahia, que coincidiria com o seu despertar para as artes, em meados da década de 40, e que se consolidaria em finais dos anos 50 e início dos anos 60, período de efervescência cultural baiana, conhecido como a "Era Edgar Santos".

Na sequência, os ideais de modernidade vão aparecer nos primeiros trabalhos de construção da Universidade.



Vemos isso na matéria anterior, do dia 18 de maio de 1946, sob o título Universidade da Bahia – elaboração dos estatutos³³.

Já no *A Tarde*³⁴, as notícias sobre os grupos de trabalho para instalação da Universidade prosseguiram. A matéria intitulada a “Organização da Universidade da Bahia”, apresentava a vinda do vice-reitor na Universidade do Brasil, para compor os grupos de trabalho em prol do planejamento da Universidade baiana.



E conforme Secchi (2009):

Ao longo de todo o século, a cidade se tornou não somente ocasião de denúncia, como ocorreu no século dezenove, mas também e principalmente metáfora do destino da sociedade e do indivíduo, esfera de indagações e de pesquisa, lugar privilegiado de estudos da sociedade e de seus movimentos (p.33).

Tal direcionamento passou a exigir um processo de transformação, de mudanças nos modos de ser dos baianos, visando atender ao projeto de modernidade que se asseverava no país e no mundo. Rocha Junior (2011), ao tratar de outro projeto de modernização da cidade, afirma que:

³³ *A Tarde*, Salvador, 18/05/1946, p.02.

³⁴ *A Tarde*, Salvador, 22 de maio de 1946, p.2.

Se instalaram no Brasil iniciativas distintas de construção de projetos de modernidade. Essa busca foi dramatizada por tentativas de mudança de comportamentos e de efetivação de um novo cenário cultural, no qual as pessoas e cidades assumiam papéis e sentidos diferentes dos que se conhecia. Era necessário mudar os hábitos e os padrões que eram vistos como a representação de um atraso que ligava o país a um passado que se queria superar (ROCHA JUNIOR, 2011, p. 04).

Era nítido um desejo de (re)apresentar um modelo de cidade, de atividades que se assemelhasse ao que acontecia no Rio de Janeiro e na Europa.

Confirmando tal posição, que traduz a conjuntura, Marins (2008, p.134) nos sinaliza que: “urgia civilizar o país, modernizá-lo, espelhar as potências industriais e, democratizadas inseri-lo compulsória e firmemente, no trânsito de capitais, produtos e populações liderados pelo hemisfério norte”.

Nesta dimensão, o exterior era um modelo a ser seguido, a qualquer custo e mais, as novas descobertas, inventos e mesmo a afirmação da ciência como um bem, eram fatores que configuravam esse novo ideal de cidade.

A adequação aos ideais europeus e a uma nova ordem invadiu o Brasil e a Bahia, Gomes (s.d., p.11) assevera que:

As Escolas Politécnicas – do Rio de Janeiro e de São Paulo, mas também aquelas criadas em várias outras capitais (como Recife, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre), herdeiras das tradições da *École Polytechnique* de Paris – embora, em graus variados, incorporando também outras tradições de formação técnica, como a alemã e, a seguir, a americana – são grandes centros irradiadores do pensamento e da experimentação sobre as cidades.

Algumas transformações se estruturam na Bahia, na busca por adequar a cidade aos ditames do movimento modernista e, portanto:

Essa leitura da modernidade, oferecida pelas transformações na infraestrutura urbana, é fértil na produção de discursos. A ela está indissociavelmente ligado o discurso do progresso, que atrai para si as campanhas de racionalização do espaço urbano, das vias públicas, das campanhas de regularização do trânsito e de higienização das feiras livres. É a cidade imaginada por engenheiros e arquitetos dentro da perspectiva de um urbanismo progressista, civilizador (GROBA, 2012, p.31-32).

Esse movimento que visava levar Salvador a um novo estágio e a um modelo global de modernidade, vai receber forte impulso na Era Edgard Santos, próximo assunto que iremos tratar, no sentido de analisar o papel da UFBA nesse novo cenário que se instalava em Salvador da Bahia, olhando mais detidamente o campo da cultura³⁵. Por características e crenças próprias de Edgard e alguns baianos modernizantes da época – que representavam uma elite - que lutavam a algum tempo por um processo de modernização baiana, a partir das linhas mestras³⁶ de um discurso nacional presente nesse momento histórico.

3.3 E A UFBA SURGE: No caminho de uma (re) construção...

Não por acaso foi criada a Universidade Federal da Bahia. Em verdade tratava-se de um sonho secular, que com a ascensão do novo movimento de modernização e o impulso ideológico da elite baiana, acabou se tornando um imperativo para o desenvolvimento do estado civilizatório da população de Salvador, que em maioria ainda era analfabeta e que precisava, ser “educada” aos novos ritmos, da nova civilização que se queria urgir. Tal intento provocou um “movimento” Nacional em todas as áreas do conhecimento, num deslocamento ao recém-formado centro acadêmico.

A vinda à Bahia de professores como Farias Góes Sobrinho, representava formas de apoio à instalação da Universidade na Bahia. Esta situação repercutia nos jornais, como vemos no *A Tarde*³⁷. A matéria de título Uma Conferência na Faculdade de Filosofia dizia assim:

Hoje às 20 h no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia, o professor Farias Góes Sobrinho realizará uma conferência, sobre o tema “Humanismo e Cultura”. O conferencista é professor da Faculdade nacional de Filosofia e veio a esta capital assistir á solenidade de instalação da Universidade da Bahia.

³⁵ Adotada aqui como: “uma dimensão múltipla, plural, complexa, e que pode gerar diversas aproximações diferenciadas” (BARROS, 2004, p.59).

³⁶ Nacionalismo, industrialismo e assistência social faziam parte constante do discurso do reitor conforme nos cita Risério (2013, p.142).

³⁷ *A Tarde*, Salvador, 05/07/1946, p.2.

Ainda, no mesmo jornal, prosseguiam as manifestações acerca da instalação da Universidade, inclusive de ordem orçamentária:

Foi remetido á consideração do Conselho Administrativo, onde obteve parecer favorável, emitido pelo Sr. Vicente Pacheco, um projeto de decreto-lei concedendo o auxílio de \$ 2.000.000,00 á Universidade da Bahia, o qual será pago parceladamente, consignando-se as respectivas verbas nos orçamentos do município, até final liquidação (*A TARDE*, 16/07/1946, p. 3).

Ainda nesse sentido, Toutain e Silva (2010, p. 87) sinaliza que:

... a Escola de Belas Artes, em novembro de 1947, foi incluída na Universidade da Bahia e, quase de imediato, lhe foi doado pelo governo do Estado o prédio onde vinha funcionando, desde os seus primórdios, no final do século anterior. Foi reconhecida como de utilidade pública.

A Universidade então, se apresentava como “um farol” para uma nova forma de “fazer a sociedade”, uma Instituição que traçava os rumos do desenvolvimento da Bahia no cenário global, moderno e inovador. Nesse sentido, Dias (2013, p.169), apoiado em Elias (1994) afirma:

Conforme o sociólogo alemão Norbert Elias, “nenhum ser humano chega civilizado ao mundo e [...] o processo civilizador individual que ele obrigatoriamente sofre é uma função do processo civilizador social.” Nesse sentido, a implantação das escolas e o ensino intelectual enquadravam-se na concepção civilizadora.

Se Salvador, ao menos nas primeiras quatro décadas novecentistas permanecera imóvel, segundo Risério (2004, p.513): “a partir de 1950, a Bahia irá ingressando – progressiva, mas decisivamente - na dança do capitalismo moderno”.

A criação da Universidade baiana seguia sendo notícia nos jornais. Matéria do *A Tarde*³⁸, tratava da instalação do Conselho Universitário, um dos preparativos para sua organização final, entendendo que isto significava um fortalecimento da intelectualidade soteropolitana.

Representa sem dúvida um acontecimento de nítida importância para o nosso meio, a constituição da “Universidade da Bahia” esse velho sonho, que durante tão longo tempo, foi alimentado pelas gerações

³⁸ *A Tarde*, Salvador, 25/05/1946, p. 2.

de interessados no florescimento mental de nossa terra. Criada em princípios de Abril deste ano por lei federal juntamente com a de Pernambuco, a Universidade bahiana é, das duas a primeira que se organiza.

A brevidade com que foram e estão encaminhados os preparativos para sua instalação é devida ao eficiente trabalho da comissão de planejamento, que elaborou o seu arcabouço geral, secundada pelos diretores e professores de nossas Escolas no prosseguimento do referido trabalho, pela execução das diversas tarefas necessárias, até a instalação. E assim já no dia 1º de Junho próximo vindouro se dará a solenidade para posse do Conselho Universitário, cuja reunião significa o início oficial de existência da nova entidade.

A Universidade é apresentada como uma grande esperança e em torno dela surgiram expectativas para o renascimento da cidade da Bahia. Em verdade digamos que a UFBA, a partir das ações de Edgard Santos, definitivamente, tem importante papel nesse processo, articulando cultura e economia, na tentativa de para retirar “a Bahia do estado de atraso”.

Era preciso um investimento na formação de outra intelectualidade baiana, formada em sua própria terra, para ser capaz de contribuir nessa mudança, pois conforme Uzêda (2006, p. 24) sinaliza, não havia:

um domínio da ciência na cidade da Bahia. O pensamento dominante era pré-científico ou pré-moderno. Além do que, o grosso da população urbana e, do Estado da Bahia era analfabeta, o que limitava, de forma substantiva qualquer possibilidade de produzir uma concepção da modernidade no seio dos habitantes da cidade. Este obstáculo à modernidade cultural facilitou, acreditamos a preservação da religiosidade popular e de uma série de hábitos perenizados na cultura popular da cidade.

Na Bahia, já desde o período colonial existia o sonho de criação de Instituições superiores. A Universidade era colocada pela sociedade como um possível “agente de progresso científico e intelectual” (MARQUES, 2010, p.71). Entretanto, no período colonial, a educação não foi prioridade, na época, preferia-se criar igrejas e prédios de administração e assim o sonho foi sendo postergado.

As primeiras iniciativas de cursos de nível superior, segundo Dias (2013, p.160) ocorreram “após a vinda de D. João VI para o Brasil, em 1808, [quando] foram abertas escolas mediante Provisão Régia e, em seguida, por despacho da

Mesa de Desembargo do Paço.” Mas voltado a um grupo específico e com fins bem traçados, na manutenção da dominação.

Nesse sentido, Marques (2010) indica que:

O acesso ao ensino superior foi restrito à elite colonial, que se preparava aqui, para ingressar nas Universidades europeias, cujo destino preferencial era Portugal. Estava reservado para o ensino superior na Colônia, a função de preservação da cultura europeia. A partir da educação, viabilizariam a consolidação de técnicas sociais e valores transplantados do Velho para o Novo Mundo (p.73).

Em 1877, ainda no período do Império foram “fundadas na Bahia duas instituições que formavam profissionais no que hoje se considera de nível superior, mas que na época eram denominadas escolas profissionalizantes” (TOUTAIN e SILVA, 2010, p. 43).

Foi a partir da necessidade de acompanhar as mudanças no mundo, que se buscou estruturar um sistema de educação, já em plena República, como nos indica Dias (2013, p.161):

A Independência do Brasil, em 1822, trouxe a necessidade de elaborar um sistema nacional de educação pública, alinhando-se às novas ideias da época, que apresentavam a instrução como meio de promover a modernidade. O país ainda não possuía nenhuma forma organizada de educação escolar, contando com um número insuficiente de colégios e Aulas Régias, herdadas do período colonial, e alguns cursos de nível superior.

Observemos que Portugal protelou o máximo que pode para formar a educação superior no Brasil. Nesse sentido é interessante notar que:

Lisboa se empenhava, também, no sentido de monopolizar a vida mental em sua possessão ultramarina, de modo a impedir que fossem disseminadas, por aqui ideias que pudessem contrariar a dominação colonial. Que estimulassem os brasileiros a questionar o jugo português. E mesmo a se rebelar, clandestina ou claramente, contra o poder metropolitano. Devemos dizer, portanto, que o protecionismo econômico e protecionismo simbólico se conjugavam, na prática, para assegurar o domínio lusitano sobre o espaço colonial brasileiro (RISÉRIO, 2013, p.91).

Porém, após séculos de resistência, os ventos inevitáveis do desenvolvimento sopraram, possibilitando o alcance dos apelos e lutas de séculos. Passos foram

dados na sua constituição final, como noticia o *A Tarde*³⁹, na matéria de título: A Constituição da Universidade da Bahia.



A composição do Conselho universitário demonstrava os encaminhamentos em pleno vapor para a fundação da Universidade.

O Jornal vai continuar anunciando o acontecimento, num nítido apoio para o ato de sua criação. Em 01 de junho de 1946, o *A Tarde*⁴⁰, na notícia a instalação do Conselho Universitário. É importante observar que após essa Instalação, os estatutos foram definidos, assim como a incorporação de escolas existentes, a eleição de reitor e vice-reitor e ainda, outras ações previstas no planejamento da nascente Instituição.

Em outra matéria⁴¹ se mostra a foto adiante, um flagrante da assinatura da posse do Reitor Edgard Santos.

³⁹ *A Tarde*, Salvador, 31/05/1946, p.2.

⁴⁰ *A Tarde*, Salvador, 01/06/1946, p.2.

⁴¹ *A Tarde*, Salvador, 29/05/1946, p.2.



Fragrante colhido no gabinete do ministro da Educação, onde o prof. Edgar Rego Santos se empossou no cargo de Reitor da Universidade da Bahia. Vêm-se, da esquerda para a direita, os avs. Pedro Calmon, Souza Campos, Edgar Santos e Ailton de Carvalho F.^o

Já no dia 03 de junho de 1946⁴², o mesmo jornal trouxe notícia ainda sobre a instalação do Conselho Universitário e da incorporação da Escola de Belas Artes e de um possível ingresso de uma Escola de Música. Ainda o *A Tarde*⁴³, noticia a chegada a Bahia do Sr. Ministro da Educação Souza Campos e comitiva, que juntos, “No dia 2 de Julho, acompanharão as solenidades comemorativas do transcurso da grande data bahiana, presidindo, à noite, no salão nobre da faculdade de Medicina, a seção para instalação da Universidade”.

E finalmente após anos de luta “em 1946 foi criada a Universidade Federal da Bahia pelo Decreto-Lei nº 9.155, de 8 de abril, e instalada no dia 2 de julho do mesmo ano” (TOUTAIN e SILVA, 2010, p. 50). Estava lançado o desafio do Ensino Superior na Bahia⁴⁴.

E assim, com a criação da UFBA almejava-se outro olhar e mesmo, a recuperação do brilho e civilidade capaz de elevar Salvador ao lugar de destaque que um dia ocupara. Uma tarefa difícil, mas que estrategicamente buscava se implantar:

Na época a cidade assiste à implantação de um programa educativo cultural sob a égide do reitor Edgard Santos, aquele homem que na província tem olhos para o mundo e marca com sua ação a identidade da Universidade, ao criar as escolas de arte, música,

⁴² *A Tarde*, Salvador, 03/06/1946, p.2.

⁴³ *A Tarde*, Salvador, 20/06/1946, p.2.

⁴⁴ Cabe indicar que nesse momento é criada a Universidade da Bahia, que somente em 1950 e que é federalizada e passa a ser chamada Universidade Federal da Bahia. No texto, optamos por chamar de Federal, apenas para mais fácil identificação com sua denominação atual.

teatro e dança, tão decisivas para a formação de uma geração que nela encontra espaço para pensar e fazer as manifestações artísticas acontecerem num plano em que singularidade e pluralidade se somam na afirmação dessa identidade (LEÃO, 2006, p.107).

Uma identidade que tivesse o modelo global de modernidade como base e que perpassava por um modelo de civilidade desejado, para o alcance dos ideários apresentados pelo “mundo desenvolvido” numa constante busca de alcançar os modelos estabelecidos na Europa, base central dos olhares do Brasil e demais países do globo à época.

Cabe expressar, que esse intento se construiu desde um tempo remoto, tanto que na instalação da Universidade da Bahia foram distribuídos exemplares do estudo sobre o centenário da pretensão da Universidade, conforme veiculado no *A Tarde*⁴⁵, sob o título - Universidade da Bahia Pretensão centenária.

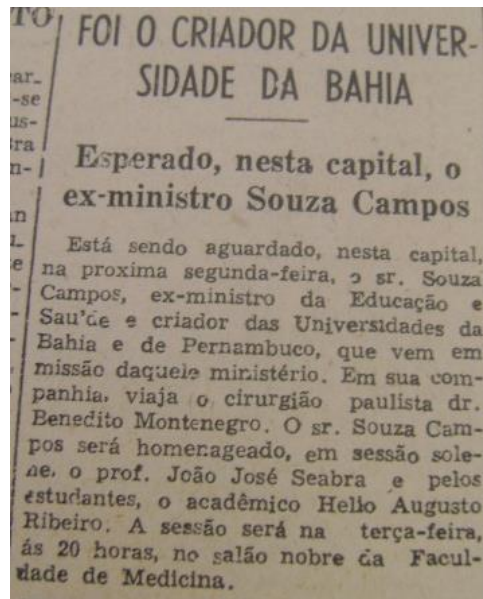
A Universidade estabeleceu-se e buscou romper com o quadro de um tradicionalismo provinciano e com uma estagnação econômico-social, como nos relata Risério (2013, p.146):

Edgard pertence, justamente, a uma nova elite modernizante que vai tentar reverter o quadro, que então caracterizava a Bahia, célula *mater* da nacionalidade. Aplicar um choque elétrico em seu corpo adormecido. Enriquecê-la – material e espiritualmente. E, assim, ser capaz, de reprojeta-la no cenário brasileiro.

Insta observar, que foi depositada na UFBA, uma série de expectativas. A Universidade vai se estabelecer com função de “reviver a Bahia” – na visão das elites e, uma visão incorporada pelo reitor que compõe esse grupo - e, diversas notícias vão mantê-la na “pauta do dia” do jornal, a exemplo desta⁴⁶:

⁴⁵ *A Tarde*, Salvador, 16/07/1946, p.5.

⁴⁶ *A Tarde*, Salvador, 14/08/1948, p.2.



Há um investimento maciço nesse ideal de modernidade, pautado em um outro modelo de cultura e intelectualidade baiana, depositado nas páginas do periódico *A Tarde*, demonstrando o veículo de notícias à consonância com os intentos do Reitor Edgard Santos. O mesmo jornal, no dia 16 de agosto de 1948⁴⁷, abordando a percepção do então Ministro da Educação, sobre a organização inicial da UFBA, traz essa nota “Soube que as unidades universitárias têm recebido mais benefícios e que o espírito universitário vai crescendo rapidamente, reconhecendo mestres e discípulos, as grandes vantagens do sistema universitário.”

Tal notícia apresenta um traço importante do cuidado, aceitação e crença do jornal, na redenção da Bahia pela intelectualidade e nesse caso da “redenção das massas pela cultura”, uma vez que o investimento do Reitor caminhava nessa linha.

⁴⁷ *A Tarde*, Salvador, 16/08/1948, p.2.

3.4 LAZER E CIDADE: A UFBA EM CENA

Coube a Edgard Santos o papel de ressignificar os lazeres e cotidiano cultural baiano – ao menos é isso que é difundido e fortalecido pelas elites, seja através dos periódicos ou de algumas literaturas pesquisadas. Para isso ele contou com um grupo de profissionais de outros países, para segundo Leão (2006, p.91-92):

Tirar da rotina e do marasmo a música, a dança, o teatro e as artes de um modo geral é mexer nas estruturas sedimentadas e zelosamente cuidadas. E esse papel, subversivo, coube àqueles que vieram de outras plagas [...] que aportaram na Bahia no período em que o Reitor Edgard Santos construiu a experiência fundadora, humanista e aberta, da Universidade Federal da Bahia.

Foram estes profissionais, que junto a Universidade Federal da Bahia, de acordo com Uzêda (2006, p.54), através de uma escalada cultural, tendo como fundamento o conhecimento acadêmico promoveram

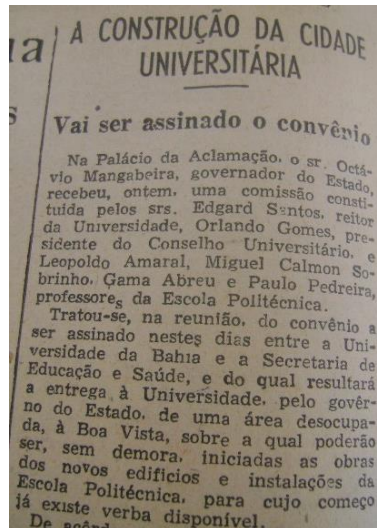
essas transformações [que] se multiplicaram e afetaram a sociabilidade dos habitantes das cidades com forte repercussão na cultura, no lazer, no cotidiano e, por fim, nas mentalidades. A cidade redefiniu o ciclo da vida.

Mais ainda, o Reitor, conforme indica Marques (2010, p.143): “Projetou a singularidade da Universidade e conseguiu evidenciar todos os seus diferenciais, a despeito de uma legislação que procurava homogeneizar a IES”. Ainda, se referenciando em Serpa (1995), a autora diz que a diversificação das ações acadêmicas da UFBA, deveria levar em conta as próprias vocações e a tradição das expressões culturais e artísticas da Bahia.

A figura pessoal possibilita o diferencial e importante fator para a construção de um:

...programa educativo cultural sob a égide do reitor Edgard Santos, aquele homem que na província tem olhos para o mundo e marca com sua ação a identidade da Universidade, ao criar as escolas de arte, Música, Teatro e Dança, tão decisivas para a formação de uma geração que nela encontra espaço para pensar e fazer as manifestações artísticas acontecerem num plano em que singularidade e pluralidade se somam na afirmação dessa identidade (LEÃO, 2006, p.107).

É certo que as ações na Universidade no âmbito administrativo acadêmico buscaram garantir estrutura mínima para o empreendimento de suas propostas, como por exemplo a construção da cidade universitária⁴⁸.



E prossegue a mesma notícia, indicando inclusive uma articulação entre esferas governamentais distintas:

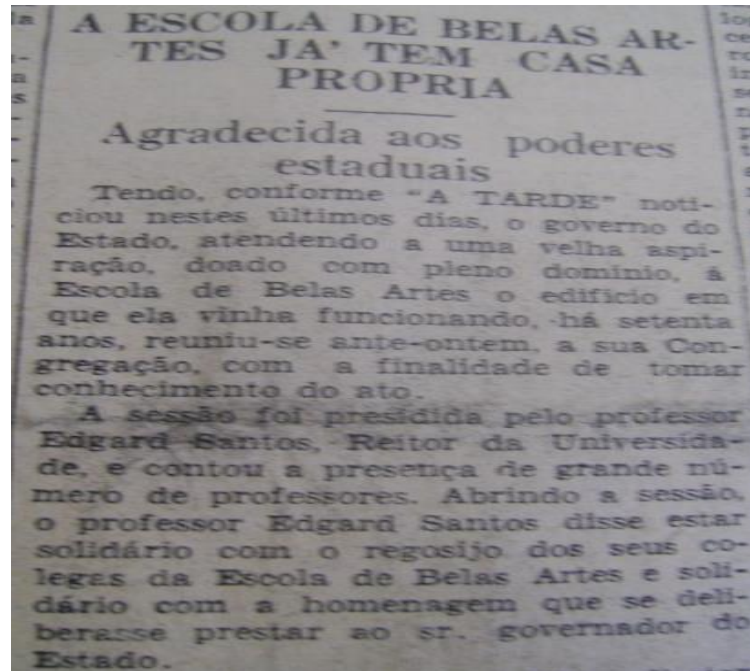
De acordo com esse convênio, o Estado cederá à União : para a Vila Universitária, os terrenos e benfeitorias do atual Hospital Juliano Moreira, recebendo em troca, vinte milhões de cruzeiros em duas parcelas de dez milhões, uma em 1949 e outra em 1950, e uma área de terreno, ao fundo do Hospital das Clínicas.

Serão então construídos pavilhões, com instalações modernas e estabelecida uma colônia para doentes mentais, os quais continuarão no Juliano Moreira até que os novos serviços sejam inaugurados.

Os melhoramentos entretanto hoje em curso no Juliano Moreira, continuaram a executar-se, de modo que o maior conforto que se vem progressivamente proporcionando aos pacientes, ali recolhidos, não seja de modo algum prejudicado.(A construção da cidade Universitária em 24 de Julho da 1948, na página 02 do Jornal)

Outras conquistas e articulações do Reitor no âmbito estrutural administrativo foram fundamentais para dotar a Universidade de capacidade para realizar seus intentos, como noticia o *A Tarde*⁴⁹:

⁴⁸ *A Tarde*, Salvador, 24/07/1948, p.2.



Houve o desenvolvimento acelerado da estruturação da Universidade, na tentativa de "recuperar o tempo perdido" (modelo de mundo constantemente apresentado pelo periódico, representando interesses dos grupos aos quais se filiava – as elites). Nesse sentido, o Jornal *A Tarde* acompanhou de forma atenta esses avanços, como vemos na matéria adiante⁵⁰:



⁴⁹ *A Tarde*, Salvador, 26/08/1948, p. 3.

⁵⁰ *A Tarde*, Salvador, 01/06/1949, p.2.

Somado a estas ações de cunho estrutural e administrativo, que procuraram dar uma nova “cara a cidade” – ou a recém criada UBa⁵¹ -, se construiu também a articulação entre estudantes da Bahia e demais cidades. Uma série de possibilidades começou a ser “experimentada”, no sentido de promoção do ideário de modernidade, como nos cita a matéria do Jornal *A Tarde*⁵². O texto aborda a participação de baianos no X Congresso Nacional de Estudantes, ocorrido no Distrito Federal e que provocou entendimento entre estes e os estudantes cariocas:

A Bahia vai receber em breve a visita do Teatro Universitário do Rio de Janeiro⁵³. A fim de articular entendimentos para a vinda do mesmo a esta capital, acha-se entre nós o acadêmico Paschoal Longo Junior, da Faculdade de Direito carioca e redator da rádio do Ministério de Educação.

A essa articulação, somaram-se ações de produção artística de diversas linguagens, como mostra a notícia *Audição da primavera*, do *A Tarde*⁵⁴:



É importante ainda observar que há um estímulo à produção cultural, após a fundação da UFBA, o que se apresenta em linguagens variadas, e tem como base não apenas a produção cultural, mas a articulação acadêmica sob um forte

⁵¹ A Universidade foi criada em abril de 1946, como Universidade da Bahia. A efetiva instalação use deu no dia 2 de julho de 1946 e em 1950 foi federalizada e passou a se chamar UFBA, mas no trabalho mantivemos o nome UFBA como opção de ajuste à linguagem corrente.

⁵² *A Tarde*, Salvador, 23/08/1947, p.2.

⁵³ Segundo mesma matéria do Jornal *A Tarde*, o Teatro Universitário é uma entidade das escolas superiores do Rio de Janeiro, fundada em 1939, tem como atual diretora a universitária Jerusa Camões, da Escola Nacional de Música. Representando autores nacionais e estrangeiros, tem ele se apresentado com grande sucesso, não só na capital da República como também em Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul.

⁵⁴ *A Tarde*, Salvador, 01/09/1947, p.3.

movimento que observa todos os setores sociais. Neste sentido, Toutain (2010, p.115-116) sinaliza:

...O pensamento moderno vai transformar esta visão elitista⁵⁵ num estigma a ser combatido, demonstrando que o ensino superior e suas unidades deveriam ser o lugar para formar quadros comprometidos com a transformação da própria realidade nacional, regional e local.

No Jornal *A Tarde*⁵⁶, na matéria de título - *A entrada dos estudantes nos cinemas* - podemos ver nitidamente o processo de organização por parte desses universitários:

Considerando que a atual Diretoria vem sempre procurando atender aos justos anseios dos universitários bahianos empreendendo campanhas tais como: premiando os primeiros colocados nos exames universitários; concedendo empréstimos aos estudantes pobres; revivendo os cursos de línguas e instituindo um Curso de Vestibular; criando a campanha pró-liberação do Petróleo, ora apoiada e em andamento no Brasil inteiro pelas demais entidades estudantis; realizando noitadas universitárias; dando assistência médica, etc.,etc., e tendo iniciado com sucesso campanha de imediato e prático interesse para a classe, quais sejam a do Gabinete Odontológico, a ser doado pelo Ministério de Educação e Saúde, a do abatimento dos cinemas e a do “passe universitário” em apenas três meses de gestão, não poderia deixar de ouvir agora democraticamente, a voz da maioria da classe, e cor disso, accedeu ao pedido da mesma na não retirada de outro cartão, prevalecendo assim o das Escolas com o carimbo da U.E.B., conforme sugestão apresentada pelos próprios universitários. Consignamos aqui o nosso agradecimento ao espírito de colaboração e de boa vontade demonstrado pelos representantes dos exibidores cinematográficos de referência ao melhor modo de solucionar o problema.

Percebe-se uma gama de conquistas e batalhas da classe universitária seja no âmbito do acesso aos bens culturais, a assistência social, a situação econômica brasileira, preparação universitária e popular, e prossegue a classe estudantil em importantes lutas no que tange ao coletivo.

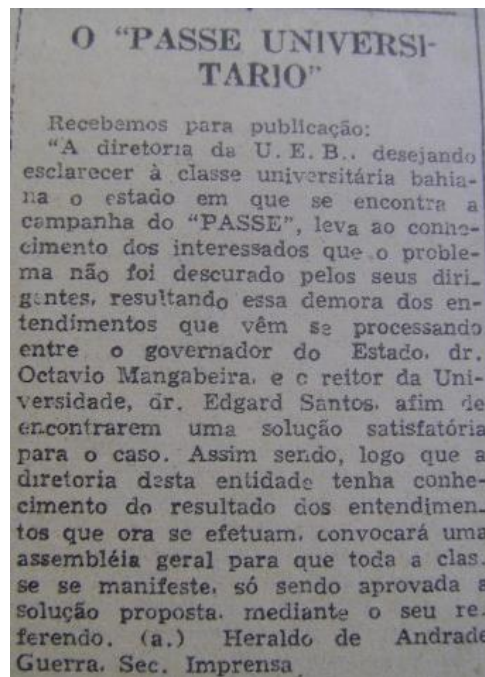
⁵⁵ Refere-se a autora a citação de Cardoso, *et al.* (1993) *apud* Toutain (2010, p.115): As Universidades, na sua gênese, sempre foram centros conservadores cuja função primordial era proporcionar status social às oligarquias, fazendo com que a educação superior no país estivesse sempre voltada para as elites. Com um ensino centrado apenas na formação de profissionais, pouco preocupado com a investigação científica ou crítica, obteve-se por consequência uma Universidade elitista.

⁵⁶ *A Tarde*, Salvador, 10/04/1948, p.3.

Notícias nos jornais tentavam dar conta das ações estudantis. Exemplo é esta do Jornal *A Tarde*⁵⁷, sob o título *Passe universitário – Caminhada para uma solução conciliadora*:

A obtenção do passe universitário nos bondes da “Circular”, é um assunto que tem, ultimamente, agitado a classe acadêmica, que, através seus elementos representativos, vem mantendo contínuos entendimentos com o sr. governador do Estado e a direção da companhia.

É importante observar que o Jornal *A Tarde* trazia constantemente comunicações acerca da classe estudantil, num nítido sentido de “parceria” com a transformação e modernização baiana. Mais um exemplo, podemos ver na próxima lauda⁵⁸:



É importante observar que a Universidade propôs um desenvolvimento do contexto artístico e, em determinados momentos, se colocou numa linha de vanguarda, assumindo o direcionamento das ações que faziam parte do contexto em que estava inserida, através da proposição de produções e cursos.

⁵⁷ *A Tarde*, Salvador, 12/04/1948, p.3.

⁵⁸ *A Tarde*, Salvador, 19/04/1948, p.2.

Tal fato se via na notícia do Jornal *A Tarde*⁵⁹, intitulada: Em organização o teatro universitário da Bahia:

Coloca-se assim o Teatro Universitário na linha de frente do movimento teatral do Estado, onde organizações teatrais como o T.A.F. (Teatro de Amadores do Fantoche) já demonstraram que se pode fazer teatro na Bahia.

Assim, vimos que havia um “esteio” encontrado pela Universidade, que foi explorado, no sentido de promover novos fazeres numa crença que isso qualificaria o fazer artístico e cultural da cidade.

Noutra matéria, o mesmo jornal mostrava a estréia do Teatro Universitário⁶⁰.



Nesse sentido, embora existisse uma série de produções teatrais ocorrendo na cidade, antes, durante e após a criação do Teatro Universitário, eram essas manifestações descortinadas como reflexo de uma atividade que:

.... ainda é claudicante. Cronistas, críticos e articulistas por vezes mostram-se superficiais nas suas análises, adotando como saída a adjetivação para falar dos espetáculos. Segundo Franco, “os jornais acompanharam [o] crescimento com a desconfiança própria das testemunhas, que preferem exagerar as virtudes do passado, minimizar as vitórias do presente e discutir as possibilidades do futuro (LEÃO, 2006, p.96).

⁵⁹ *A Tarde*, Salvador, 14/10/1948, p.3.

⁶⁰ *A Tarde*, Salvador, 21/10/1948, p.1.

Portanto, o desejo era constante e na fala de Leão (2006, p.82): “indicam a necessidade de se tratar o teatro em Salvador numa perspectiva renovadora, o que vem a ser feito quando da criação da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.” E mais ainda, prosseguindo o mesmo autor (2006, p.82), diz que:

Imprensa noticiou, nesses anos, [1950] o movimento de quase 30 grupos cênicos funcionando com relativa regularidade, alguns constituídos por 40 integrantes, com 8 montagens anuais, dados surpreendentes, se comparados aos anos 40.

Dessa forma, a partir de sua organização inicial, podemos pensar que a UFBA em sua fundação foi uma experiência inovadora, com fundamento na cultura e no lazer. Ela buscou promover na cidade do Salvador a construção de outros modos de vida, articulando o desenvolvimento de um modelo econômico inovador, bem como outro formato de organização política, com estruturação diferenciada e melhorada de atitudes na vida cotidiana, além de outra articulação entre grupos e classes sociais, na busca de rompimento com o passado – tido como negativo.

Leão (2006, p.105) chega a afirmar que no universo do teatro baiano:

Esses elementos inovadores vão se configurar no teatro na Bahia a partir da criação da Escola de Teatro da Universidade da Bahia, quando se dá de forma mais radical, em relação ao teatro que se fazia até então, a construção do espetáculo de maneira mais elaborada e artesanalmente mais complexa, a outra cena, tornando-se o fazer teatral uma ação afirmativa e vigorosa na vida cultural da cidade...

Em determinados momentos as críticas chegam mesmo a afirmar ser o teatro Universitário o único espaço de um teatro de qualidade, como nos cita Leão (2006, p.98) a partir de falas de jornalistas como Carlos Falck:

...Em 1961, Carlos Falck em sua coluna faz a seguinte afirmação:(...) os amadores significam o mais descabido disparate de nossa cultura cênica. São grupos onde não existe a menor orientação estética e técnica. Fazem a coisa na base do improvisado e não possuem, entre si, nenhum laço comum. (...) Os valores jovens que não podem ir para a Escola de Teatro, perdem-se, com o passar do tempo, nas estéreis recitações de textos mesquinhos (Diário de Notícias, 15 e 16.10.1961)”... (p.98)

É importante perceber, um rompimento com a realidade vivida, antes da fundação da Universidade, onde toda produção era tida como provinciana.

Nesse sentido, de superação, tratou-se de implantar na cidade, como nos indica de novo Melo (2010, p.19), a afirmação de que um: “tempo/espço de vivência cultural, seria (o lazer – **grifo nosso**) local privilegiado para compreender como o erudito e o popular se cruzam”. Mas sempre com hipervaloração ao erudito, se organizou esse movimento por indicar termos no teatro amador: “...traços do provincianismo envolvendo a cena, tanto na escolha do repertório quanto no arcabouço formal, já que as montagens ainda utilizam códigos de um teatro em processo de superação...” (LEÃO, 2006, p.102).

Vale também salientar, que mesmo assim, os caminhos da produção artística popular na cidade continuavam a ganhar rumos e diversas ações – sejam populares ou de entretenimento⁶¹ e ocorriam, concomitantes ao desenvolvimento das ações do recém criado mundo acadêmico universitário. Podemos dizer inclusive que a Universidade encontrou uma cidade que fervilhava cultura - ainda que de uma qualidade contestável e não seguindo os padrões europeus (ou seja, fora do modelo de desejo da elite baiana) - como, por exemplo, a programação de construção do cinema Metro, conforme notícia abaixo⁶²:



⁶¹ Importante observar que o termo entretenimento não fazia parte do contexto de época o seu uso aqui refere-se as diversas produções culturais que tem a diversão como fator fundante.

⁶² *A Tarde*, Salvador, 24/07/1947, p.2.

Outra ação cultural noticiada eram as temporadas do TAF (Teatro de Amadores do Fantoche)⁶³:



E ainda, a construção de teatros, como o próprio Castro Alves, num investimento que foi fruto de uma demanda popular e da tentativa de aumentar as opções de espaços, ações e equipamentos de difusão e produção cultural, seja através do incentivo próprio pela Universidade, seja a partir de demandas e ações populares. Ainda, vastos eram os bailes, nas diversas agremiações esportivas e clubes, num grande modismo na cidade.

Há, dessa forma, uma constante no desenvolvimento das ações culturais na cidade, ora por parte da academia, com base nas ações administrativas previstas pelo reitor Edgard Santos e pelos desdobramentos acadêmicos e ora, pela continuidade das ações da área do “entretenimento” e populares. Tudo isso apontava segundo Risério (2013, p.148), para uma ação que afirmava que:

Entre a vida cultural e a econômica, não poderia haver nenhuma dúvida. A esfera cultural era a mais elevada, “a mais alta e essencial” – “porque ligada, antes de tudo, às manifestações do espírito

Embora não se trate de uma fácil tarefa, a de se implantar uma relação na cidade de “culturas diversas” há indícios e desejos que apontam para a potencialização de toda uma rede construída em torno da cultura e lazer que precisa

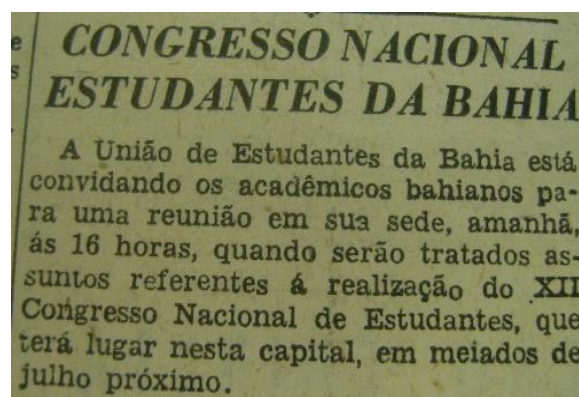
⁶³ *A Tarde*, Salvador, 27/11/1947, p.2.

ser retroalimentada, considerando inclusive as relações entre “nativos” e estrangeiros, como nos apresenta Leão (2006, p.251):

A modernidade da economia e da cultura na Europa e nos Estados Unidos, entre outros efeitos, criou o lazer e a diversão como categorias de mercadoria do capitalismo. Os agentes do turismo escolheram rotas que atingiram em cheio a cidade do Salvador. Nas décadas de trinta e quarenta, a cidade da Bahia foi passagem das rotas marítimas de turismo e cruzeiros de grandes navios e transatlânticos que buscando o sul do país, principalmente a capital da República do Brasil, faziam escalas no porto da Bahia. Salvador passou a ser uma cidade constantemente visitada por turistas europeus e norte-americanos, principalmente, o que afetava a vida da urbe e, ao mesmo tempo, levava o poder público municipal e estadual a criar mecanismos de produzir uma nova imagem da antiga cidade de Thomé de Souza.

Era urgente promover um processo dinâmico, aliando Universidade e cultura. Isso foi feito através dos cursos livres e de um processo educacional pautado na estética e sensibilidade intencionando: “provocar uma mudança edificadora de uma nova nacionalidade.” Todas as ações com a articulação entre pesquisa, ensino e extensão voltariam a UFBA a essa construção tendo cultura, lazer e cidade (viva) como pano de fundo para esse processo. Numa “comunicação espiritual do Brasil com o grande mundo” (RISÉRIO, 2013, p.149).

Em 25 de maio de 1949, o *A Tarde*⁶⁴, mais uma vez, dava atenção as ações do movimento estudantil. O jornal noticia o congresso nacional de estudantes na Bahia:

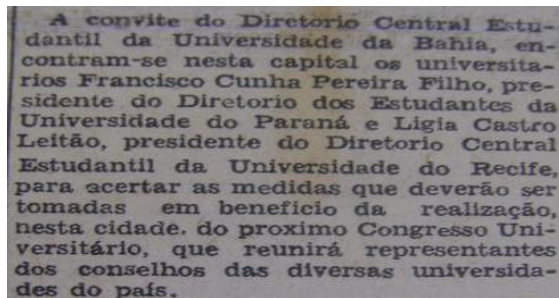


⁶⁴ *A Tarde*, Salvador, 25/05/1949, p.2.

Novamente se estabeleceu um nítido direcionamento para uma mudança da condição provinciana pelo viés universitário, que antes da UFBA, embora existissem escolas na cidade, não havia:

...comunidade universitária alguma. Os professores mal se conhecem. Os estudantes, isolados em suas faculdades, não têm oportunidade de convivência fora dos centros acadêmicos e, mesmo esta, só compreende a minoria. Deste modo os membros de cada corpo acadêmico não se conhecem nem convivem com os das outras escolas [...] Permanecem na escola o mínimo de horas possível – ou porque trabalham e ganham a vida longe dali, recebendo da universidade uma paga honorífica que os valoriza no mercado como profissionais ou porque a própria universidade, em sua organização tradicional, não saberia o que fazer para ocupar, utilmente, estudantes e professores que quisessem permanecer nela (MARQUES, 2010, p.170).

A Universidade abriu outro canal de comunicações, superando esse viés tradicional e distanciado dos acadêmicos e professores. Também promoveu ações, criando movimentos e interferindo não apenas no contexto acadêmico, mas em toda uma sociedade que clamava por uma transformação. Nesse sentido, com o já visto, também a movimentação dos estudantes era tratada como importante, como vemos na matéria adiante⁶⁵:



A convite do Diretorio Central Estudantil da Universidade da Bahia, encontram-se nesta capital os universitarios Francisco Cunha Pereira Filho, presidente do Diretorio dos Estudantes da Universidade do Paraná e Ligia Castro Leitão, presidente do Diretorio Central Estudantil da Universidade do Recife, para acertar as medidas que deverão ser tomadas em beneficio da realização, nesta cidade, do proximo Congresso Universitario, que reunirá representantes dos conselhos das diversas universidades do país.

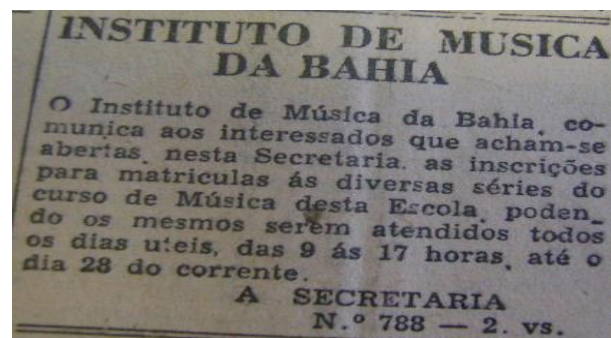
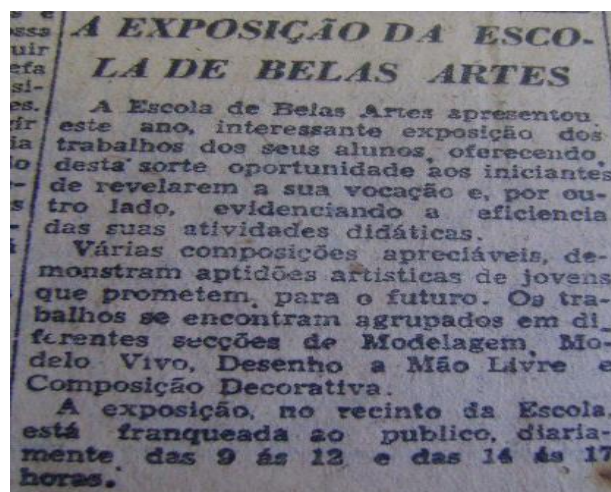
É fato que a Universidade “cumprindo seu intento” constrói uma série de ações e reconstrói pela via de movimentos de acadêmicos – movimentos de cunho político-estrutural - e através dos cursos livres um acesso a uma “nova cultura” em consonância com a cultura do “globo moderno”. Abrindo suas produções para o público da cidade, num movimento de “educação estética” “trabalhando não

⁶⁵ *A Tarde*, Salvador, 09/06/1949, p. 2.

somente com valores, mas, percepções e sensibilidades.” (MELO e ALVES JUNIOR, 20013, p.64).

Foi nessa construção do acesso, que a Universidade buscou interferir no trato da cultura e isso, na tentativa de superação do dito “modelo provinciano”, tendo a Universidade como lócus de produção e promoção. E neste tom, prosseguiram as ações em outros Institutos e escolas.

Como exemplos, temos: exposição da escola de Belas Artes⁶⁶, cursos de música na Escola de Música⁶⁷.

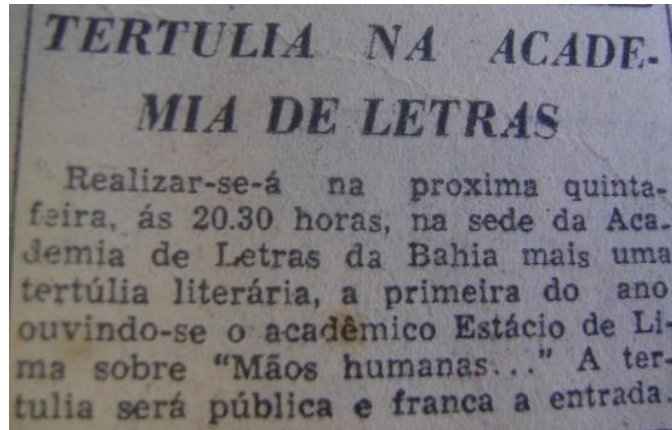


Uma diversidade que não se fazia tradicional, reconhecia as potencialidades locais, as escolas originárias, mas também uma construção inovadora, como nos

⁶⁶ A Tarde, Salvador, 24/01/1951, p.3.

⁶⁷ A Tarde, Salvador, 13/02/1951, p.1.

cita Marques (2010). Assim, prosseguiram as notícias acerca dos cursos e acessos presentes na Universidade⁶⁸:



Por mais que estas ações fossem oriundas de escolas diferentes tinha como fundamento a utopia do Reitor que

era tornar a Universidade da Bahia, singular, uma referência nacional e internacional, por produzir conhecimento na área cultural. Procurou superar o problema de sua origem, que foi a aglomeração de IES isoladas sem vida universitária (MARQUES, 2010, p.139).

Variadas foram as ações da Universidade na busca de alcançar o seu intento e o intento da sociedade da Bahia, vencendo assim um cenário de séculos de “um atraso” que retirou a Bahia da condição de vanguarda nacional.

3.4.1 Os movimentos dos estudantes: rupturas e novas rotas.

Tamanha foi a demarcação das ações dos estudantes, que é importante frisar, que frente ao cenário de transformações promovidas pela Universidade, a classe dos estudantes se estabeleceu, que anos mais tarde, já no período ditatorial, vão reverberar as ações que se organizaram e fortaleceram com a sua fundação. Segundo Marques (2010)

Os estudantes contestaram e enfrentaram a ditadura, lutaram por acesso, permanência e democracia, numa ambiência político opressora de raiz colonial. O movimento estudantil da UFBA se

⁶⁸ A Tarde, Salvador, 24/04/1951, p.3.

consolidou com ela, contribuindo para fortalecê-lo nacional e internacionalmente (p.200).

Esse envolvimento dos estudantes se revela na postura do próprio Reitor, que na fala de Risério (2013, p.332):

Edgard se movia, dentro da Universidade, como se estivesse em sua casa. Melhor, ele eliminaria o “como” da frase. Aquilo ali nunca deixou de ser a casa dele, onde permitia que a estudantada ficasse à vontade, conversando ou estudando dentro do próprio prédio da Reitoria. E ele acompanhava passo a passo o andamento da sua Universidade. Não apenas em plano geral, como no detalhe, no pormenor. Edgard verificava projetos e produtos de suas obras, mas também dava “incertas”, como hoje se diz, a fim de checar este ou aquele serviço. Aparecia à noite, de repente, em trajes esportivos, para avaliar, por exemplo, a qualidade do alface e da cenoura que seriam servidos, na manhã seguinte no almoço do Restaurante Universitário.

Um envolvimento que não se restringia ao diálogo, mas que também buscava atender os estudantes nas residências, viagens e demais necessidades e que possibilitou um “ar de liberdade”, de poder alçar vôos, rumo às transformações sociais ditas necessárias na “cidade da Bahia”. Foram constantes os movimentos de luta por conquistas de direitos e vivências sociais, culturais e artísticas, no cenário de organização da classe universitária estudantil.

Várias iniciativas foram tomadas pelos estudantes, na construção e fortalecimento de seu movimento, como por exemplo, a criação de um programa de rádio universitária estudantil⁶⁹:



⁶⁹ A Tarde, Salvador, 20/08/1952, p. 2.

Prosseguiram as ações dos universitários, conferindo a cidade espaços, tanto de debate, como de acesso às manifestações culturais, como foi o caso do Clube de cinema universitário⁷⁰:

Subordinado á U.E.B., foi fundado, por um grupo de universitários, tendo á frente o acadêmico José Olímpio do Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia, o Clube de Cinema Universitário da Bahia. Segundo nos declarou aquele acadêmico, o Clube de Cinema Universitário é uma entidade de ordem cultural, destinada a difundir, nos meios estudantis, a arte cinematográfica.

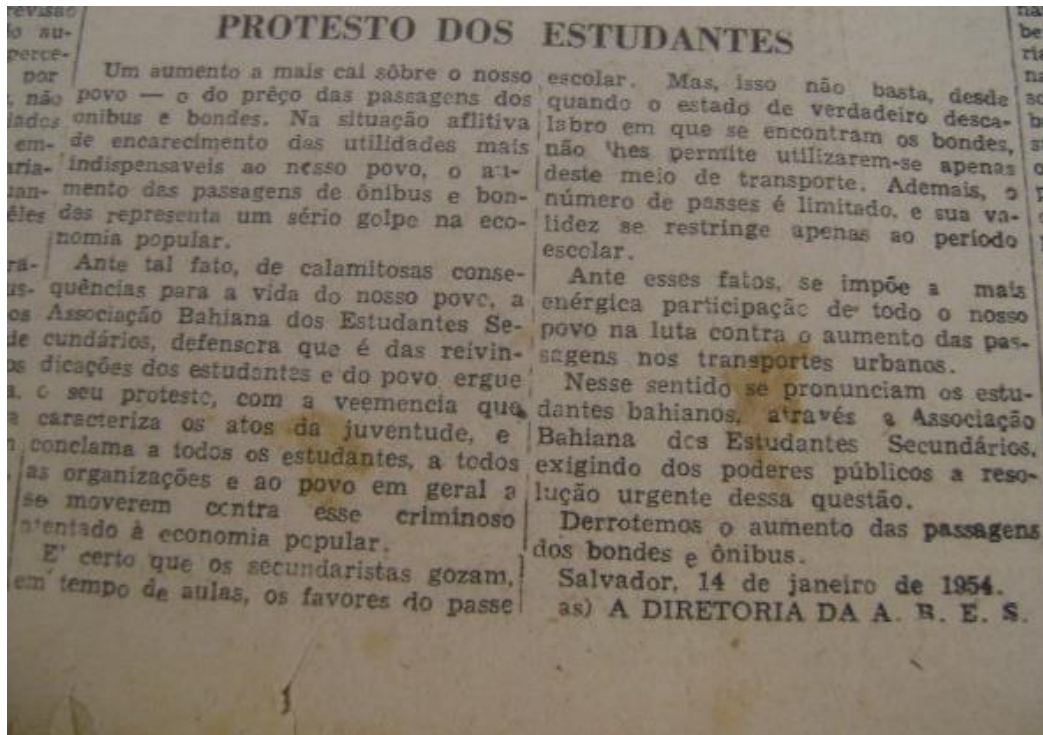
Foi importante o crescimento da produção cinematográfica na sociedade como um todo. Os universitários, reconhecendo tal fato, lançaram-se a desenvolver a linguagem, como noticia o *A Tarde*⁷¹, demonstrando uma continuidade nas atividades do cinema universitário:



⁷⁰ *A Tarde*, Salvador, 21/08/1952, p. 2.

⁷¹ *A Tarde*, Salvador, 03/10/1952, p.3 e 24/10/1952, p.1.

O movimento estudantil, também lutou pelo acesso e atendimento às necessidades da população em geral, não se organizando apenas de maneira interna e umbilical. Nesse sentido, os protestos e movimentos tocaram as ruas, como por exemplo, os feitos contra o aumento dos valores dos bondes e ônibus⁷².



Há que se falar que a abertura do Reitor junto aos estudantes, trouxe para si alguns problemas, como nos cita Risério (2013, p.335-336):

O que Edgard não esperava era que este seu trabalho de implantação de unidades de Serviço de Assistência ao Estudante, levado a cabo com esmero e carinho, viesse a se converter em foco gerador de problemas, tumultuando para valer o seu reitorado. Mais não era imprevisível que isso acontecesse. Especialmente, é claro, a partir do Restaurante Universitário, que acolhia estudantes — residentes ou comensais — das mais diversas áreas e unidades de ensino da Universidade. E, logo, tornava-se espaço de atuação e proselitismo dos jovens políticos universitários, dos militantes de esquerda do movimento estudantil (foi ali, afinal, que rapazes e moças “assistiram magnetizados” a uma palestra de Celia Guevara, a mãe do já legendário Che, um dos jovens cabeludos comandantes da revolução cubana). Vale dizer de atores que se empenhavam, sistematicamente, no sentido de “conscientizar” e mobilizar a massa

⁷² A Tarde, Salvador, 15/01/1954, p. 2.

estudantil, fosse em direção a um caminho socialista para o país, fosse, em termos mais imediatos, para democratizar a vida universitária, melhorar as condições de ensino e assistência ao estudante. O que, para eles, implicava alvejar o reitor, com o intuito último de apeá-lo ao cargo.

E importante e necessário observar que a construção estudantil e seu fortalecimento ganhou de fato alma acadêmica, lutando pelas melhorias e maiores possibilidades internamente, na sua condição de acesso a Universidade e seus serviços, se contrapondo inclusive ao reitor - apresentado pelos periódicos e literaturas como “redentor das massas pela via da cultura” - mas que no seu fazer administrativo provoca descontentamentos. Externamente, o movimento tocou nas diversas mazelas sociais, na busca de tornar o convívio social salutar e rumo ao crescimento dos sujeitos.

4 CAMINHOS EM ABERTO

Após o estudo, várias questões ficam postas e a nitidez acerca da necessidade de novas pesquisas se faz presente, frente aos diálogos e possibilidades percorridos durante as rotas, rotinas e rupturas observadas. Foi inegável o papel desempenhado pela Universidade Federal da Bahia, na tentativa de transformação da realidade “ultrapassada” da sociedade baiana, mas o universo de séculos de “modos de fazer”, certamente não se traduz numa transformação imediata. O investimento precisa ser contínuo, incansável e dialógico com todos os setores da sociedade.

Nos momentos analisados nesse trabalho, onde se estabeleceu uma proposta de projeto de modernização na Bahia, a UFBA, como uma nova instituição, teve papel importante na deflagração nessas transformações. Suas construções no âmbito das práticas culturais tiveram peso na sociedade soteropolitana, ajudando a construir outras vivências e sentidos, dando significados a vida social e aos lazeres da população.

As rotas presentes no estudo, se desdobraram pelo viés da triangulação, possibilidades de (re)construir a leitura de mundo no ano imediatamente anterior e nos seguintes nove anos da fundação da Universidade Federal da Bahia apresentando uma Salvador que é mostrada pelo periódico e alguns autores como uma cidade “parada em seu tempo”, que convivia ou convive com o sentimento de perda da condição de vanguardista, e acolhe a luta secular de implantação de uma Universidade transformando-a numa aposta de mudanças e resolução das deficiências e atrasos. Isto, frente ao modelo de época, eleito como melhor e que atendia as necessidades de qualquer sociedade.

Nessa linha de raciocínio, a aposta realizada e que nitidamente se fez presente no periódico analisado, - até porque esse instrumento de imprensa traduz os anseios de a quem é endereçado e quem o escreve e mantém - a partir de falas que traduziam expectativas como: “retirar do marasmo”, “promoção da intelectualidade”, não se traduziram de fato, somente a partir de uma Instituição e de suas ações, percebemos que essas falas contrariam o estado de efervescência cultural da cidade da Bahia, onde música, teatro, cinema, folguedos e festas

populares, passeios às praças e praias, traduziam uma constante vivência dos bahianos, seja em alguns destes espaços com acesso “carimbado” ou nos espaços de diálogo entre classes e grupos, na fruição de atividades e desenhos de percepções, sensibilidades e valores diversos.

Mas, é fato que nessas primeiras rotas, a sociedade soteropolitana tentava acompanhar as mudanças no cenário mundial, que envolviam uma crescente industrialização, um novo desenvolvimento das cidades, a mudança do modo de produção econômica e industrial, além da científica e também, cultural, introduzia ou buscava introduzir “outras rotinas” nessa construção.

Nas rotinas, e essas que em certos momentos até se confundem com as rotas, embora nossas proposições tenham caminhado num sentido que indicassem primeiramente o que acontecia no cotidiano da cidade da Bahia à época, num cotidiano cheio de vida e de manifestações presentes e constantes e, nas interferências da UFBA na própria estrutura da cidade e da cidade na UFBA. Concomitante com o processo formativo, a cidade passou por algumas transformações estruturais, abrindo espaço para os automóveis e com o crescimento de demandas, partindo do ideário de garantias sociais, vimos uma tentativa de democratização social, que contou com apoio fundamental dos estudantes universitários. Estes tiveram um papel imprescindível, inicialmente na organização interna e na melhoria educacional universitária e mais a frente, na promoção de diálogos, trocas de informações e aproximações do cenário nacional, se envolvendo em manifestos, protestos e ações que atendessem as melhorias de vida da sociedade.

Todo o processo estudado, logicamente apresenta rupturas que são expostas, após a fundação da UFBA e suas construções, interações e os diálogos, mantidos entre UFBA, cidade, modernidade e lazer, e que se deram numa relação de “preparação” da sociedade baiana. Isto, para compreender, se apropriar e promover trocas entre a vivência do universo artístico cultural diferenciado apresentado pela Universidade, na apresentação de outras sensibilidades e percepções, inicialmente realizadas nos espaços formativos formais.

Também foram frutos dessas rupturas, na nossa escrita, o fato de que, à época deste estudo, o Brasil, ainda não traduzia o sentido das atividades artístico culturais, com o entendimento do sentido de lazer que se tem atualmente, já que o termo ainda não se fazia usual no país, elas representaram sim uma aproximação, tanto no formato estrutural, quanto nas discussões que traduziram uma transformação do cenário, rumo aos novos formatos, em consonância com o globo. Neste ponto, diria mesmo ter existido uma apropriação de outros fazeres das práticas já presentes, a partir de outro referencial, criando assim um processo de hibridização cultural em trocas mútuas e constantes. A Universidade com suas artes eruditas e a cidade, com suas práticas populares.

A Universidade teve fundamental papel e isso foi observado, seja nos periódicos ou nas literaturas consultadas. Ela pode apresentar demonstrar outros vieses do fazer cultural e produtivo numa projeção constante de um modelo de sociedade. A transformação da realidade baiana, do mundo de *tradition-directed*⁷³, a um ideário de modernidade, é fruto de análises que vão se dar a partir da reverberação das ações dessa Instituição no tempo, na observação da apropriação por parte do cenário cultural já existente e efervescente (por mais provinciano que tenha sido) e que tenha como referência esses novos modos e formatos de produção acerca da cultura e das artes, entretanto, é inegável que embora o desejo de alguns grupos caminhe no sentido de imposição de um modo de fazer e ser, estes são sujeitos e transformados da mesma forma que transformam, a cidade, o saber e cultura popular acrescenta ao saber e cultura erudita e, lhe empresta peculiaridades que dão a produção artístico cultural da cidade um tom único, local e carregado de identidade.

O campo de estudo é vasto e precisamos, sobretudo quando tratamos de fontes históricas, verificar aquilo que não foi publicado e esta presente nas fontes, portanto, necessário se faz a sua releitura com muitos olhares, na busca de reviver as mudanças, proposituras e influências da Universidade Federal da Bahia no contexto da “cidade da Bahia” e da cidade da Bahia nessa IES, num misto de rotas,

⁷³ Expressão apresentada por David Riesman de the Lonely Crowd citado por Risério (2013, p.142)

rotinas e rupturas constantes e focadas na transformação das realidades vividas e incorporadas.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hanna. **A condição humana**. 10ªed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2005.
- BACAL, Sarah. **Lazer e o universo dos possíveis**. São Paulo: Aleph, 2003.
- BARBOSA, Juciara Maria Nogueira. Descompasso: como e porque o modernismo tardou a chegar na Bahia. **V Enecult**. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19289.pdf>>. Acesso em: 15.08.2014.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BORGES, Eduardo. **Renascença baiana: o cinema entre o discurso e a prática modernizadora na Bahia**. Salvador, EDUNEB, 2012.
- BRASIL. **A história da Câmara dos deputados. 3ª República (10.11.1937 - 18.09.1946)**. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/republica3.html>>. Acesso em:19.09.2014.
- BRASIL. **Constituição da república federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.htm>. Acesso: 20.11.2014.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2ªEd. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CHOAY, Françoise. **Destinos da cidade europeia: século XIX e XX. In: La Ville: artetarchitecture en Europe: 1870-1993**. Editora do Centro Pompidou. (Catálogo). 1994. (p.08 - p.21). Volume4, nº01. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/viewArticle/3110>>. Acesso em: 14.08.2014.
- DE SOUZA, Cleide Aparecida Gonçalves e MELO, Vitor Andrade de. Museu, emoção estética e lazer: reflexões sobre as possibilidades da fruição da arte no tempo livre. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.1, abr./2009.
- DIAS, Olívia Biasin. **Olhares estrangeiros: impressões dos viajantes oitocentistas acerca da Bahia, sua diversidade racial e seu potencial para alcançar a civilização**. Salvador, 2013. 226f.: il. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.
- DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. 3ªed. São Paulo: Perspectiva. 2004.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Estudos culturais**: uma introdução. Org e tradução Tomaz Tadeu da Silva. 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORENCE, Afonso. O fenômeno Urbano como Fenômeno Cultural. *In*: Rubim, Antonio Albino Canelas e ROCHA, Renata (Orgs.). **Políticas culturais para as cidades**. Salvador: EDUFBA, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ªed. 8. reimpr. São Paulo: Atlas, 2006.

GOMES, Christianne Lucce (Org.). **Dicionário crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, M. A. A. F. . Cultura, História e Pré-Existências na Constituição do Projeto Urbano Moderno. *In*: **SILACC.01 - Simpósio Latino-Americano de Cidade e Cultura: Dimensões Contemporâneas**, 2007, São Carlos SP. Anais do SILACC.01- Simpósio Latino-Americano de Cidade e Cultura: Dimensões Contemporâneas. São Carlos: EESC USP, 2007.

GROBA, Tiago Santos. **“Um lugar ao sol”**: **Caderno da Bahia e a virada modernista baiana. 1948-1951, 2012**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11618>>. Acesso em:18.09.2014.

KUMAR, Krishan. Verbete Modernidade. *In*: OUTHWAITE, William e BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEÃO, Raimundo Matos de. **Abertura para outra cena: o moderno teatro da Bahia**. Salvador: Fundação Gregório de Mattos: EDUFBA, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Lisboa, Portugal: Lugar da História, edições 70, 2000. 1º volume

LEITE, Rinaldo C. N. **A Rainha destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas**. Tese (doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, PUC-São Paulo, São Paulo, 2005.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 8ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1987.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer**: uma introdução. 3ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (org). **História da vida privada no Brasil 3**. 8ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARQUES, Maria Inês Corrêa. **UFBA em memória: 1946-2006**. Salvador: EDUFBA, 2010.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática de liberdade**: uma proposta educativa para a juventude. 2ªed. Goiânia: Ed. UFG, 2004.

MELO, Victor de Andrade. **Esporte e lazer**: conceitos: uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor de Andrade. Educação Estética e animação cultural: reflexões. In: **Licere**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 101-113, 2002.

MELO, Victor de Andrade. "Esporte é saúde?" Desde quando? In: **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, v. 22, n. 2, p. 55-67, jan. 2001. Disponível em: <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/412/337>>. Acesso em 16.04.2015.

MELO, Victor Andrade de, e ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MELO, Izabel de Fátima Cruz. **"Cinema é mais do que filme": a história do cinema baiano através das jornadas de cinema da Bahia dos anos 70**. 2009. Dissertação de mestrado de história Social do Brasil na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://www.ppgh.ufba.br/wp-content/uploads/2013/10/Cinema-%C3%A9-Mais-do-Que-Filme.pdf>>. Acesso em: 18.09.2014.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 5ªed. São Paulo : Contexto, 2003.

OLIVEIRA, Olivia Ferreira de. NOTAS SOBRE ALGUMAS PÁGINAS MAIS OU MENOS MODERNAS. o "modernismo" na Bahia através das revistas. 1999, **Revista RUA**, vol. 05, nº 01. Disponível em:

<<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3130/2329>>. Acesso em:15.07.2014.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. CADERNOS PPG-AU, FAUFBA, **Urbanismo Modernista, Brasil, 1930-1960**. Edição especial.

RISÉRIO, Antônio. **Edgard Santos e a reinvenção da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2013.

RISÉRIO, Antonio. **Uma história da cidade da Bahia**. 2ªed. Rio de Janeiro: Versal,2004.

ROCHA JUNIOR, Coriolano P. da.**Esporte e modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX**. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Comparada – Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2011.

ROSA, Flavia Goulart Mota Garcia. **A DISSEMINAÇÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA ATRAVÉS DA IMPLANTAÇÃO DO SEU REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL. Uma política de acesso aberto**. Tese (doutorado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador, 2011.

SAMPAIO, Consuelo Novais. A Bahia na Segunda Guerra Mundial. 1995. **Revista Olho da História: Revista de História Contemporânea**. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/sumario1>>. nº 1.Acesso em:20.09.2014.

SILVA, Vanessa Magalhães da. **No embalo das redes: cultura, intelectualidade, política e sociabilidades na Bahia (1941-1950)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Salvador, 2010, 256 f.: il.

SECCHI, Bernardo. **A cidade do século vinte**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

TAVARES, Luiz Henrique Dias. **História da Bahia**. São Paulo: Editora UNESP: Salvador, BA. EDUFBA, 2001.

THOMPSON, E.P. Introdução: costume e cultura. *In*: THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, .p.13-24.

TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão e DA SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves (Orgs.). **UFBA: Do século XIX ao século XXI**. Salvador: EDUFBA, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UZÊDA, Jorge Almeida. **O aguaceiro da modernidade na cidade do Salvador 1935-1945**. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e ciências Humanas, programa de pós-graduação em História. Tese (Doutorado). Salvador, 2006.

WERNECK, Christianne. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG; CELAR-DEF/UFMG, 2000.